

Michelle Mulder

Don't worry kids  
Stop your putins  
Were here to do  
Somethin about em.  
Don't buy 84 Bars

# Maggie e a Guerra do Chocolate

99282  
m

**M**  
MELHORAMENTOS

Michelle Mulder

# Maggie e a Guerra do Chocolate



**SM**  
MELHORAMENTOS

Instituto Adventista Paranaense  
Biblioteca  
Prof<sup>a</sup>. Vanda dos Santos Candido  
Class. 808.899282  
Cutter. 205473  
Tombo. M954m  
Disc. R\$: 37,30  
Data. 08/02/18  
Bianca S. Zojka  
Ass. Resp.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulder, Michelle

Maggie e a guerra do chocolate / Michelle Mulder ; [tradução Renata Siqueira Tufano Ho].  
- São Paulo : Editora Melhoramentos, 2010.

Título original: Maggie and the chocolate war  
ISBN 978-85-06-06152-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

10-03314

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

**Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

Título original em inglês: *Maggie and the Chocolate War*  
Tradução: Renata Siqueira Tufano Ho  
Projeto gráfico: Carlos Magno

Copyright ©2007 by Michelle Mulder  
Publicado sob permissão da Second Story Press Toronto, Ontário,  
Canadá. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio sem  
a autorização escrita da editora original.

Direitos de publicação:  
© 2009 Editora Melhoramentos  
Todos os direitos reservados.

1.<sup>a</sup> edição, 20.<sup>a</sup> impressão, abril de 2016  
ISBN: 978-85-06-06152-7

Atendimento ao consumidor:  
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970  
São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: (11)3874-0880  
www.editoramelhoramentos.com.br  
sac@melhoramentos.com.br

Impresso no Brasil



# O PLANO SECRETO DE MAGGIE

— TOME CUIDADO! — orientou o pai de Maggie, colocando as compras da Sra. Bates na cestinha da bicicleta.

— Pode deixar! — respondeu Maggie. — Demorei tanto para convencer a mamãe a me deixar trabalhar que agora não posso fazer nenhuma bobagem!

Em 1947, muitos meninos costumavam trabalhar como entregadores de mercadorias, mas Maggie queria provar que ela também conseguia fazer entregas tão bem quanto os garotos.

Era um sábado no finalzinho de abril. Em Victoria, na região da British Columbia, o clima era mais quente do que no resto do Canadá, porém as manhãs eram geladas. Maggie estava usando seu vestido amarelo preferido (que não lembrava em nada as cortinas de onde sua mãe tinha aproveitado o tecido), as meias marrons que tanto pinicavam, e que sua mãe tanto insistia para que ela usasse, e os velhos sapatos de couro de Thomas. Estava pronta para o que desse e viesse! Ela arrancou pela rua, pedalando o mais rápido que podia.

Quando chegou à esquina, sorriu ao ver o jardim de tulipas amarelas da Sra. Morrison e acenou para o Sr. Garnet, que estava aparando a grama.

— Bela bicicleta! — gritou ele.

— Obrigada! — gritou Maggie, agradecendo.

## Maggie e a Guerra do Chocolate

Era, na verdade, a velha bicicleta do irmão. Ele tinha ganhado a bicicleta havia alguns anos, no Natal, durante a guerra contra Hitler, quando as pessoas ainda conseguiam comprar algumas coisas. Ultimamente, tudo estava tão caro, que a família de Maggie não conseguia comprar nem carne para o jantar, muito menos uma bicicleta para ela. Mas a garota não se importava muito com isso, não. A bicicleta de Thomas era apenas um pouco maior do que ela gostaria que fosse, e ela tinha adorado a cestinha que seu pai colocara na parte de trás. Uma bicicleta nova custava dez dólares, e isso era muito dinheiro! Dava para ir cinquenta vezes ao cinema e comer quase duzentas barras de chocolate!

Chocolate! Foi por causa do chocolate que Maggie começou a trabalhar como entregadora na loja de seu pai. Sua melhor amiga, Josephine, nunca tinha comido uma barra de chocolate sozinha: com seus seis irmãos e irmãs, sempre tinha que dividir. Em seis dias, Jo faria aniversário. O pai de Maggie pagava um centavo para cada duas entregas; então, se ela fizesse dez entregas antes do aniversário de Jo, conseguiria dar de presente para a amiga uma barra de chocolate de cinco centavos que ela não precisaria dividir com ninguém. Maggie até conseguia imaginar o sorriso da amiga, com seus dentinhos tortos, e seus pulos de alegria ao contar para todo mundo que Maggie era a melhor amiga de todos os tempos!

Maggie voava baixo pelas ruas, alegre, passando pelas mansões até chegar às casinhas de tijolinhos, onde a Sra. Bates vivia.

Maggie não conhecia a Sra. Bates, mas conhecia muito bem aquele canto da cidade. Aos domingos, quando seu pai não abria a loja e o tempo estava quente, ela e os pais andavam por ali para ir até o porto. Gostavam de observar os iates elegantes deslizando até o grande prédio cinza do Legislativo, até o prédio coberto de heras do Hotel Imperatriz, onde se

hospedavam reis, rainhas e estrelas do cinema. Na metade do quarteirão, havia um cocker spaniel dourado que sempre vinha receber os visitantes, e o pai de Maggie sempre levava um graveto para brincar com o cachorrinho.

No entanto hoje, quando Maggie entrou pedalando na rua da Sra. Bates, o cachorro veio pulando e latindo ao encontro de sua bicicleta.

— Pare! — gritou Maggie, apertando com força os freios de mão.

O cachorro saiu da frente a tempo, mas o pacote bem embrulhado na cestinha da bicicleta saiu voando sobre a cabeça da menina e aterrissou bem na sua frente, com um barulho horrível. O cachorro pôs-se a cheirar o embrulho, abanando a cauda.

— Oh, não! O que é que vou fazer agora? — desesperou-se Maggie.

Tinha começado seu emprego de entregadora havia apenas dez minutos e o pior já tinha acontecido! Teria que voltar para casa com um pacote melado e pingando, com seis ovos quebrados dentro. Eram 46 centavos a dúzia, como disse a mãe de Maggie. Então, tinha esmagado 23 centavos! Isso lhe custaria 46 entregas, só para pagar o prejuízo! Com tantos alimentos em falta — carne, açúcar, manteiga e doces —, estragar comida era praticamente a pior coisa que podia acontecer. Sua família já comia mingau de aveia duas vezes por dia e transformava cortinas em roupas. As coisas iam ficar bem piores depois de um acidente como esse!

Ela não suportaria o olhar de decepção de seu pai quando ele visse o que aconteceu...

# A PRATELEIRA DO CHOCOLATE

MAGGIE AVISTOU UMA PILHA de bicicletas do lado de fora da loja de seu pai quando voltou. Pela janela, viu que havia um grande grupo de crianças amontoadas perto da prateleira do chocolate.

Muitos adultos faziam compras no centro da cidade, porque as lojas lá eram maiores e vendiam mais coisas, mas as crianças do bairro sempre iam à loja do pai de Maggie para comprar doces. Ele conseguia vender tudo o que uma loja grande tinha, com os mesmos preços. Conhecia também os doces favoritos de cada um e às vezes até dizia para alguns clientes adultos que os doces tinham acabado, quando na verdade ainda estavam disponíveis, só para as crianças não se frustrarem diante de uma prateleira vazia.

Maggie sentia orgulho de ter como pai alguém que todos conheciam e de que gostavam. Mas, naquele momento, não queria que todas aquelas crianças estivessem ali.

Ela empurrou a bicicleta até os fundos e tirou o pacote melado da cestinha. Pensou melhor e recolocou o pacote na cestinha, limpando as mãos no último pedacinho de grama. Sua mãe tinha transformado todo o resto do gramado em uma horta, em seu infinito esforço para diminuir os gastos com alimentação.

## Maggie e a Guerra do Chocolate

Maggie entrou sorrateiramente pelos fundos. Ela amava a loja de seu pai: o cheiro da madeira escura de que eram feitas as tábuas que cobriam o chão e prateleiras; os jarros de vidro, coloridos pelos doces que guardavam, empilhados em prateleiras que iam até o teto; as fileiras retinhas de latas de ervilhas, cenouras e batatas, e os pães fresquinhos da tia Marjorie na cesta perto do caixa. Mas seu canto preferido era a pequena prateleira próximo à máquina registradora: a prateleira das barras de chocolate, onde se amontoavam as crianças naquele momento.

O pai de Maggie esticou o pescoço por trás do balcão para vê-la e sorriu. Ao ver o rosto da filha, porém, seu sorriso desapareceu. Ele disse alguma coisa para as crianças e correu até o fundo da loja. Claro que essa reação fez com que todas as crianças parassem e olhassem o que estava acontecendo.

— Olá, Maggie! — cumprimentou Jeffrey Johnson.

Jeffrey era o melhor amigo do irmão de Maggie. Ele era um pouco mais alto que Thomas, tinha o cabelo castanho-claro, sardas no rosto e usava óculos com uma armação grossa e marrom. Quando ele não estava no andar de cima trocando figurinhas com Thomas, estava em frente à prateleira do chocolate, decidindo cuidadosamente como gastar os cinco centavos que seus pais sempre lhe davam quando ele pedia. O pai dele tinha um bom emprego num banco. Maggie nunca tinha visto Jeffrey com roupas usadas, e ele era um dos poucos que podiam comprar quantos doces quisesse, mas pelo menos sabia dividir. Maggie gostava dele, porque ele nunca a tratava como uma criancinha.

Algumas crianças também sorriram para ela, porém a maioria estava demasiado envolvida na escolha de que barra de chocolate levar e não desviara o olhar.

— Eu vou pegar aquela, e você pega aquela com amêndoas, e nós dividimos, certo?



— Mas eu não gosto de nozes e castanhas! Eu quero só chocolate! E esta aqui é bem maior do que aquela, você não acha?

O pai de Maggie ignorou as conversas e colocou a mão sobre o ombro da filha.

— O que foi? — perguntou. — Parece que você viu um fantasma!

— Não foi um fantasma — suspirou Maggie, arrasada. — Foi um cachorro. E foi tarde demais. Eu freei, e os ovos saíram voando e se espatifaram, e a mamãe disse que a dúzia custa 46 centavos, então eu joguei 23 centavos fora e...

Ela parou antes de contar ao pai sobre a surpresa que estava preparando para Josephine. Não queria que seu pai sentisse pena e simplesmente lhe desse o chocolate da amiga. Queria ter dinheiro para comprar o presente, assim como os adultos fazem. Era isso que faria dela a melhor amiga de todos os tempos! E, agora, os ovos estavam quebrados!

— Podia ter acontecido com qualquer um. — Seu pai usou palavras para confortá-la, mas seus olhos demonstravam toda a sua decepção. Maggie faria qualquer coisa para que seu pai ficasse alegre de novo.

— Eu pago! Eu prometo! — disse ela.

— Eu confio em você! — respondeu seu pai. — Vou embrulhar mais seis ovos.

Ele apertou a mão da filha, carinhoso. Alguns minutos depois, Maggie já estava a caminho da entrega.



Da segunda vez em que deixou a loja, Maggie pedalava como se em cada esquina houvesse um cachorro pronto para pular na frente dela. Por isso, suas entregas demoraram muito mais do que ela esperava. Quando terminou a última entrega, o sol estava a pino, e seu estômago, roncando. Ela subiu as

## Maggie e a Guerra do Chocolate

escadas se arrastando, até chegar ao primeiro andar da loja, onde a família morava. Os velhos sapatos de Thomas já eram pesados... a cada passo, pareciam pesar mais de uma tonelada!

Quando ela abriu a porta do apartamento, ouviu o rádio, que estava a todo o volume na cozinha. Sua mãe estava descalça, com o avental branco amarrado à cintura e um escovão na mão.

— Como assim, o preço da manteiga vai aumentar? — perguntava a mãe ao rádio. — Não faz sentido dizer que o racionamento terminou se a comida está tão cara que ninguém consegue comprar!

Balançando a cabeça, frustrada, ela se ajoelhou e voltou a limpar o chão.



Em 1947, o racionamento da guerra já tinha terminado, mas o preço dos alimentos continuava subindo. Alguns lojistas tentaram manter os preços sob controle.



Havia muitos vegetais, mas eles custavam muito caro.

Maggie sabia muito bem sobre o que a mãe estava falando. Durante a guerra, eles usavam um cupom especial de racionamento para comprar coisas como carne e manteiga. Mesmo assim, não podiam comprar muito. Agora não tinham mais cupons, mas os preços não paravam de subir, e as pessoas comiam muito menos do que antes. Maggie entendia por que sua mãe ficava brava. E, se ela ficava tão brava a ponto de gritar com o rádio, imagine o que ela faria se soubesse dos ovos quebrados!

— Mamãe?

Ela olhou para Maggie e riu, surpresa.

— Há quanto tempo está aí?

Maggie ia responder, quando alguém bateu na porta de trás.

— Ai, ai — suspirou a mãe de Maggie, desfazendo o laço do lenço que cobria sua cabeça e arrumando o cabelo esvoaçante. — Maggie, vá se lavar para o jantar. Eu vou ver quem é.

Maggie obedeceu. Quando voltou para a sala, a Sra. Martin, mãe de Jo, estava sentada no sofá.

— O azul vai combinar com os olhos de Jo! — dizia a Sra. Martin à mãe de Maggie. — Olá, Maggie! Fiquei sabendo que você é a nova entregadora da loja do seu pai. Como está o trabalho?

— Ah, está indo bem... Mas eu já acabei por hoje — respondeu Maggie, timidamente, evitando olhá-la nos olhos.

Sua mãe sorriu e pediu que Maggie esquentasse a sopa que estava sobre o fogão e pusesse a mesa.

— E, por favor, coloque esse vestido azul sobre o balcão. A Sra. Martin quer que eu o reforme para Josephine.

— É para o aniversário dela — disse a Sra. Martin, como se Maggie não soubesse. — Economizamos por muito tempo para comprar um vestido novo para ela, mas mesmo assim não conseguimos. Foi aí que a senhora para quem eu trabalho me ofereceu esse. Eu mesma faria a reforma e novas costuras, mas Josephine ia acabar descobrindo, e eu quero que seja uma surpresa. Você não vai contar a ela, vai, Maggie?

## Maggie e a Guerra do Chocolate

Maggie balançou a cabeça dizendo não e sabia que teria mais esse segredo para esconder. Tinha certeza de que Jo iria adorar o vestido novo. Geralmente, Jo usava as roupas que suas três irmãs mais velhas tinham usado, e as peças já estavam desbotadas e desfiadas. Numa das visitas de Maggie à amiga, ela a ajudara a tingir um vestido branco de amarelo usando cascas de cebola, só para 'criar' uma peça nova. Durante os anos de guerra, com tanta escassez e racionamento, as pessoas tiveram que aprender a usar a criatividade para fazer o impossível com o que tinham.

Depois que a Sra. Martin foi embora, a mãe de Maggie entrou pulando e dançando na cozinha, enquanto a filha punha a mesa.

— Você me ajudou a arranjar trabalho, senhorita Maggie Jenkins! A mãe de Josephine me pediu para reformar o vestido, porque adorou o vestido amarelo que eu fiz para você!

— Cortar cortinas é muito diferente de reformar um vestido de verdade! — provocou Maggie, rindo.

— Vai dar tudo certo!

As duas terminaram de esquentar a sopa e arrumar a mesa. Foi aí que Maggie respirou fundo e contou o que acontecera com os ovos.

— Eu sinto muito, mamãe! Eu prometi ao papai que pagaria cada centavo!

— Tenho certeza de que você manterá sua palavra, querida!

Quando sua mãe lhe fez um cafuné, Maggie sentiu todas as suas preocupações desaparecer. Talvez seu pai até a deixasse comprar a barra de chocolate antes de pagar pelos ovos. Maggie sorriu, feliz consigo mesma, imaginando mais uma vez o rosto de Jo iluminar-se ao se deparar com o presente.

Maggie tinha acabado de colocar o último copo de água sobre a mesa, quando Thomas entrou correndo, afobado.

— Não acredito! — gritou ele, batendo a porta e atirando a luva de beisebol com toda a força no chão. — Eles vão aumentar o preço do chocolate!

# EI, VOCÊ ESTÁ SABENDO?

— JÁ FICOU SABENDO? Dá para acreditar?

Jo chegou correndo à praia, acenando com um envelope na mão. Seu irmão mais novo, Will, vinha correndo atrás dela o mais rápido que suas perninhas conseguiam. Os dois tinham o cabelo tão loiro que era quase branco e brilhava muito ao sol.

— Sabendo do quê?

Maggie já tinha ouvido coisas demais naquele dia: Thomas reclamando do mingau de aveia no café da manhã, vinte e três centavos em ovos espatifados no chão e, para fechar com chave de ouro, a notícia terrível que Thomas dera um pouco antes do almoço. A notícia que Jo trazia parecia estar dentro do envelope que ela balançava, e Maggie não fazia ideia do que podia ser.

— Do aumento do preço dos chocolates!

— Você recebeu uma carta falando disso? — perguntou Maggie.

— Não, esta carta é do meu primo. Mas, no caminho para cá, encontrei Gladys, e ela me disse que as barras de chocolate que hoje custam cinco centavos vão passar a custar oito! É quase o dobro!

— Eu sei... — suspirou Maggie. — E agora? Como vamos comprar chocolates?

Jo balançou a cabeça, e seus cabelos caíram sobre os olhos.

— Até a Gladys acha que não vai mais conseguir comprar chocolate. Você acredita que ela ganha cinco centavos por semana para fazer o que quiser? Mesmo com todo esse dinheiro, ela vai ter que economizar por duas semanas para poder comprar uma barra de chocolate.

— Hã? Barra de chocolate? Me dá um pedaço? — pediu o pequeno Will.

— Nada disso! — brincou Jo. — Chocolate é uma coisa que você não vai comer por um bom tempo...

— Um dia — Will começou a sonhar —, eu vou ganhar cem dólares e vou comprar chocolate para toda a nossa família e para a Maggie também! Vou comprar cem barras de Hershey mais cem barras de chocolate ao leite, mais cem de...

Maggie sorriu. Por que ela não tinha um irmãozinho fofo como Will em vez do velho, fedido e rabugento Thomas?

— Ninguém tem tanto dinheiro! Cem dólares! Bobinho... E, mesmo se alguém tivesse, não ia gastar tudo em barras de chocolate! — brincou Jo, limpando o nariz do irmão com um lençinho.

O pequeno Will estava sempre com o nariz escorrendo, e ele sempre se esquecia de pegar um lenço. Por isso, Jo habitualmente carregava alguns lenços extras com ela. Maggie tinha que se lembrar de dizer à sua mãe para colocar muitos bolsos no vestido que Jo ia ganhar de aniversário. Pelo menos esse presente estava garantido. O sonho da barra de chocolate de Maggie parecia cada vez mais distante.

Will desceu a escada para mergulhar os pés na areia da praia, seguido da irmã e de Maggie.

— Quem afinal decide aumentar os preços? — perguntou Maggie.

— Acho que é o governo, sei lá — respondeu Jo. — A mamãe disse que, durante a guerra, o governo deu dinheiro para as companhias que faziam coisas como manteiga e açúcar



e, por isso, os preços subiam, mas bem devagar. Se não fosse assim, as pessoas não teriam mais dinheiro para comprar comida. Agora que a guerra terminou, o governo não está mais dando tanto dinheiro para essas companhias e por isso elas estão subindo os preços. Acho que o governo pensa que todo mundo tem dinheiro no bolso agora.

— Isso é um absurdo! — suspirou Maggie, virando os olhos.

— Eu sei! — concordou Jo, lembrando-se do envelope em suas mãos. — Minha prima Annette está vindo para cá para passar o verão com a gente! O pai e a mãe dela estão indo para o norte trabalhar, para conseguir arranjar dinheiro para a comida. Eles vão trabalhar durante o verão numa madeireira que paga muito bem, produzindo lenha.

Maggie sentiu um frio no estômago.

— É isso que a carta diz?

Annette já tinha ficado ali por umas semanas no verão do ano anterior e, por isso, Maggie quase não tinha conseguido ver Jo. E, mesmo depois que Annette fora embora, Jo não tinha outro assunto a não ser sobre como Annette era legal. Alta, forte, a corredora mais veloz, a melhor puladora de corda, a melhor contadora de histórias... Maggie ficou tão cansada dos “recordes” de Annette que nem queria mais vê-la. Por que essa menina tinha que aparecer justamente agora e tomar todo o tempo de Jo?

— Ela vai ficar o verão todinho? — perguntou Maggie, pegando uma conchinha na areia e arremessando-a contra a parede de pedra. A conchinha se partiu em dois.

— Vai ser ótimo! — respondeu Jo, sem reparar na raiva da amiga.

Muito tempo se passou antes que as ondas que lambiam os pés de Maggie levassem embora seu mau humor. Ela decidiu não mais ficar aborrecida com os ovos quebrados, o preço

do chocolate ou Annette. Não fazia sentido ficar emburrada, enquanto Jo ainda era sua melhor amiga. Os ovos já estavam quebrados. E não havia nada que uma criança pudesse fazer contra o preço do chocolate, certo?



— Temos que fazer alguma coisa! — disse Jeffrey.

Maggie, Jo e Will voltavam da praia passando pelo Parque Beacon Hill, com os bolsos cheios de conchinhas, quando Jeffrey veio pedalando na direção do grupo. Ele queria saber se as garotas já sabiam da novidade.

— Claro que sabemos! Todo mundo em Victoria já sabe! — respondeu Maggie.

— Temos que protestar! — exclamou Jeffrey. — Quando os adultos se zangam, as pessoas param para ouvir. Por que não deveriam ouvir as crianças zangadas?

— Diga isso para o meu pai! — disse Jo, rindo. — Ele sempre diz que crianças devem ser vistas, não ouvidas. Será que dá para protestar em silêncio?

Maggie não conseguia imaginar os seis irmãos de Jo em silêncio. Eles nunca ficavam quietos, especialmente quando estavam nervosos.

— E se fizermos cartazes e sairmos à rua, protestando? — perguntou Jeffrey. — Foi o que algumas mães fizeram, quando o preço do leite aumentou. Elas foram para o centro da cidade e ficaram a manhã toda andando em frente aos prédios do Legislativo, onde o governo trabalha.



Mulheres protestam contra o aumento dos preços, fazendo piquete na frente dos prédios do governo, na esperança de que os políticos ouçam seus apelos.

— O preço do leite baixou novamente? — perguntou Maggie.

— Ainda não, mas todos dizem que tem que baixar! — Jeffrey cruzou os braços sobre o peito e balançou a cabeça. — É a mesma coisa com o chocolate, eu acho! Quem é que vai gastar oito centavos inteirinhos numa barra de chocolate? Não está certo!

Jo pulava para cima e para baixo, do jeito que costumava fazer antes de desfilhar num dia especial ou quando estava feliz por ir dormir na casa de Maggie.

— Acho que *devemos*, sim, protestar! — declarou Jo. — Minha mãe diz que esse é o único jeito de mostrar ao governo o que pensamos. E na aula de Estudos Sociais da semana passada, a Sra. Sampson disse que é nosso direito como cidadãos mostrar ao governo como nos sentimos.

Maggie achou que era uma ideia fabulosa, além de ser algo que Jo e ela poderiam fazer juntas.

— Se conseguirmos juntar muitas crianças e fazer muito barulho, eles terão que nos ouvir! — exclamou Maggie, entusiasmada. — Eu tenho tinta em casa e tenho certeza que meu pai tem algumas caixas de papelão sobrando. Vamos fazer cartazes imensos! Muitos! Com mensagens diferentes! E vamos sair às ruas para que todos leiam! Vamos mostrar a eles o que pensamos!

Maggie não fazia a menor ideia quanto a se isso serviria para baixar o preço do chocolate, mas valia a pena tentar. Seu presente de melhor amiga de todos os tempos dependia disso.

— Vamos chamar todas as crianças que conhecemos! — disse Jeffrey. — E bem rápido!

# AS CRIANÇAS SE UNEM!

— AS CRIANÇAS EM CHEMAINUS e Ladysmith já estão protestando! — anunciou Thomas. — O jornal disse que elas fizeram cartazes e marcharam ao redor das lojas que estão cobrando oito centavos por barra.

Vinte e quatro horas haviam se passado desde que Maggie ficara sabendo do aumento do preço do chocolate. A notícia estava se espalhando rapidamente. Agora, num domingo à tarde, quinze crianças estavam reunidas em frente à loja do pai de Maggie para combinar como e onde iriam começar o protesto.

— Minha mãe — disse Jeffrey — estava falando com a prima dela pelo telefone ontem à noite.

Todas as crianças olharam para Jeffrey, prestando bastante atenção. Nem todo mundo tinha telefone, e a maioria das crianças nunca tinha sequer usado um.

— Ela disse que adolescentes em Chemainus se dirigiram até a cidade, protestando e gritando: “Abaixo as barras de oito centavos!”

— Crianças de todos os lugares estão lutando contra o aumento agora! — disse Thomas.

— Acho que a gente tinha que ir para Ottawa e dizer para o governo o que pensamos! — gritou um menino, erguendo o punho cerrado.

## Maggie e a Guerra do Chocolate

— Frank, como a gente pode ir até Ottawa, se não temos nem oito centavos para comprar um chocolate? — perguntou Jeffrey.

— Ora, foi só uma ideia...

Thomas esfregou as mãos. Ele tinha um plano secreto e não tinha explicado nada para Maggie, ainda. Tinha dito apenas que era um plano brilhante! Thomas sempre achou seus planos brilhantes. Maggie às vezes discordava dele, mas estava sempre disposta a ouvir.

COLONIST TEL.

Advertising ..... Empire 4114  
 Business Office ..... Empire 4114  
 Circulation ..... Macdon 4201  
 Job Printing ..... Garden 3241  
 Editorial Rooms ..... Empire 4111  
 Social Editor ..... Empire 3311

The

NO. 113—EIGHTY-NINTH YEAR

# Price of Candy Brings Strike Of Youngsters

## Up-Island Children Oppose Increase In Added Cost of Candy Bars

(Special to The Colonist)

CHEMAINUS, April 24.—Children of Chemainus and Ladysmith went on a "chocolate bar" strike today, and present indications are that the boycott will speedily spread to Duncan, Cobble Hill, Nanaimo, Parksville, Qualicum Beach, Courtenay, Comox, Campbell River, Alberni and Port Alberni.

"Chocolate bars were not worth six cents, but at eight cents we think we are being robbed," a ten-year-old girl commented at Chemainus.

"What are you going to do without chocolate bars?" a reporter asked a Ladysmith boy.

"Ice cream's better," he grinned.

Store clerks at both Chemainus and Ladysmith disclosed that no children purchased chocolate bars today, despite adequate supplies and tempting counter displays. However, many sales were made to adults, hungry for sweets that have risen under counters for several years.

Ladysmith reported several cases of adults being "picketed" by children when they emerged from shops with 8-cent "inflation" chocolate bars. Hoots, jeers and sundry uncomplimentary remarks made many grown-up uncomfortably aware that it would have been better policy to support the children's boycott.

Children of all ages at Chemainus and Ladysmith pinned neatly printed cards on their dresses and jackets bearing the following words:

"Let the penny-pinchers have theirs. We want nickel bars."

"Before you asked for bars on your knees. Now they throw them in your face."

"Don't be a sucker. Don't buy 8-cent bars."

"Bars are smaller. We won't buy 8-cent bars."

Placards expressing similar sentiments were also tacked up in the business sections of Chemainus and Ladysmith.

Chemainus and Ladysmith Towns are wholeheartedly supporting the chocolate bar boycott.

"Hal"



... was the grim  
 and farmers recent  
 President asked by  
 demands and farme  
 Press, and second

### Diamonds As Lady S

VANCOUVER

—An ex-tingered thief, two diamonds of a sleeping w of the object of a Mrs. Mary M field, B.C., told asleep on the a friend's home find that the valued at \$200, from the two wearing.

### Beef Sup Link Wa

VANCOUVER. A extension of the Pa ern Railway to the was advocated here wholesalers and reta of ending Winter b British Columbia. "Not only would

## Pensions Bill Due On Monday

### Practical Answer Aim of Legislation

OTTAWA, April 24 (CP).—Health Minister Martin announced tonight in the Commons the Government will introduce its old age pension legislation Monday.

During a discussion of a short-cut on orders in council dealing with old age pensions and attached to the Government's main control bill, Mr. Martin said the Government had given "a great deal of thought" to the old age pension bill, which will increase the current pension rates.

The legislation would not meet the point of view of all members in the House but it would represent the Government's attempt to "deal with this problem as practically as possible in the light of all obligations."

Basic old age pensions now amount \$20 a month. A \$1 per month supplement was provided for by orders in council. Some provinces also paid a \$1 supplement and British Columbia recently increased amount to \$1.60, making the possible maximum pension there \$25.

O jornal *Daily Colonist*, de 25 de abril de 1947, trazia na primeira página a manchete: "Preço do chocolate revolta crianças".

## Maggie e a Guerra do Chocolate

— Assim que os preços aumentarem — disse Thomas —, temos que começar um boicote. Todos nós temos que parar de comprar chocolate.

— O quê!?

Maggie ficou chocada. Ela estava ali justamente porque queria comprar chocolate! Ela olhou para Jo para checar se a amiga desconfiara de alguma coisa, mas seus olhos estavam abertos e perplexos.

— Ele está certo! — disse Jeffrey, arrumando os óculos sobre o nariz sardento. — Se ninguém mais comprar chocolate, os donos das lojas vão ter que baixar os preços, senão os chocolates vão se estragar nas prateleiras!

Maggie já se imaginou comprando o chocolate para Jo um mês depois do aniversário da amiga e gemeu, descontente. Thomas olhou para a irmã, severamente.

— É o único jeito — reafirmou, e continuou a falar. — Vamos fazer grandes cartazes, e várias crianças vão ficar do lado de fora das lojas para dizer aos que entrarem para não comprar chocolate.

Maggie fez uma careta. A prateleira do chocolate era o único lugar da loja de seu pai que estava sempre cheio. Se as crianças ficassem protestando e afastando os consumidores, ia faltar muito mais dinheiro para seus pais. Sua mãe ia gritar cada vez mais alto com o rádio. E todo mundo ia ter que comer ainda mais mingau de aveia!

— Não é o máximo? — sussurrou Jo no ouvido de Maggie. — Imagine! É o nosso próprio protesto!

— Ah, eu não sei — suspirou Maggie. — Será que os donos das lojas não vão ficar bravos? Afinal, não é culpa deles se os preços estão subindo.

Jo espantou-se.

— Quer dizer que você não vai participar? — perguntou, preocupada.



— Claro que vou! — respondeu Maggie prontamente, não querendo perder a amiga antes da hora. — Apenas estou com pena dos donos das lojas...

— Os adultos vão continuar comprando outras coisas nas lojas. — Jo deu de ombros. — Não sei quanto a você, mas eu não furaria o boicote nem se *ganhasse* uma barra de chocolate de oito centavos.

Maggie estremeceu. Thomas bateu palmas e perguntou se havia alguma dúvida. Jo olhou para Maggie, Maggie olhou para Thomas com os lábios apertados. Não tinha como falar com ele agora, na frente de todas aquelas pessoas. Ela balançou a cabeça, dizendo não, e observou seu irmão anotando os nomes para organizar os horários de protesto.

— Posso participar na hora do almoço — gritou uma das crianças.

— E eu estou livre depois da aula! Oh, exceto na quinta-feira. É minha aula de piano.

— Eu posso protestar durante a aula! — gritou outra criança. E todos caíram na risada.



— Não é culpa do papai! — disse Maggie ao irmão, quando eles se encontraram em frente à pia do banheiro para escovar os dentes com bicarbonato de sódio. (A mãe deles comprava bicarbonato em vez de pasta de dente, porque era mais barato). — Você sabe que ele não consegue vender mais barato do que vende hoje.

Thomas suspirou como se tivesse ouvido a maior bobagem do mundo.

— Isso não é sobre o papai — disse ele. — Claro que os donos das lojas serão afetados, mas é o único jeito de mostrar aos fabricantes de chocolate como nos sentimos. São eles que estão aumentando os preços.

## Maggie e a Guerra do Chocolate

— Então por que punir o papai? — perguntou Maggie.

— Não estamos punindo o papai! — Thomas olhou fixamente para a irmã. — Não me diga que vai continuar comprando chocolate e estragar tudo...

Maggie balançou a cabeça. Jo não ia comer uma barra de chocolate durante o boicote, mesmo que fosse seu aniversário. Maggie teria que pensar em outro presente, só isso. Enquanto isso, estava preocupada com o pai. Ele ia se sentir muito mal vendo pessoas marchando em frente à sua loja, como se ele fosse um criminoso. E também ia perder dinheiro, se ninguém mais comprasse chocolate.

Será que Thomas não entendia o que significava um boicote? Ele sempre reclamava de que não conseguiam comprar coisas como carne e pães e ficava com raiva quando tinham que comer mingau de aveia duas vezes no mesmo dia, só porque era mais barato.

— Você está preparado para comer ainda mais mingau de aveia, caso nosso protesto afaste as pessoas da loja do papai e não tenhamos dinheiro para comer mais nada?

— Maggie, isso é importante. Às vezes, temos que fazer sacrifícios.

A resposta de Thomas surpreendeu Maggie. Ela enfiou a escova de dentes na boca, sem vontade de continuar a discussão. Então, por que ele não 'sacrificava' toda aquela reclamação todos os dias pela manhã? A felicidade de seus pais não era importante? Irmãos mais velhos são tão idiotas às vezes...



Naquela noite, Maggie não conseguiu dormir direito. Quando seus pais foram para o quarto, ela pôde ouvir a conversa deles.

— Tomei uma decisão — disse sua mãe, e fez-se um grande silêncio antes que ela continuasse. — Janet Martin e eu estamos nos juntando ao grupo das donas de casa.

Maggie colou o ouvido à parede. Será que Jo estava sabendo disso? E o que será que era esse tal grupo das donas de casa?

— Maggie me viu gritando com o rádio ontem — continuou sua mãe. — Na semana passada, estava gritando por causa do preço da manteiga. Na semana anterior, era por causa da carne. Estou cansada de sempre gritar sem ser ouvida. O grupo está organizando um protesto.

O pai de Maggie suspirou.

— Não vai adiantar nada.

Sua voz era baixa, tensa e controlada, no mesmo tom de quando ele encontrou Maggie recortando sua revista favorita para um trabalho escolar, no ano anterior.

— O governo não vai parar para escutar um punhado de mulheres nervosas.

— Funcionou em Regina! — rebateu a mãe. — O grupo reclamou tanto que os preços recuaram.

— Mas vão subir de novo.

Maggie desejou que aquela conversa parasse ali, mas sua mãe continuou.

— Enquanto não sobem, pelo menos as mulheres sentem que estão fazendo alguma coisa — disse, e deu uma risadinha. — Pelo menos estão fazendo muito mais do que gritar com o rádio.

O pai resmungou uma resposta, mas Maggie não conseguiu entender. Ela afastou-se da parede, sem querer ouvir mais nada. Por um longo tempo, que pareceu horas, Maggie tentou inventar um sonho bom, onde seu pai era feliz e Jo comia contente sua barra de chocolate de cinco centavos. Já Maggie teria uma bicicleta nova e veloz, com uma cesta grande e acolchoada

## Maggie e a Guerra do Chocolate

para acomodar objetos frágeis e uma buzina bem barulhenta para afastar os cachorros. Com essa bicicleta, ia ganhar tanto dinheiro, que ela e Jo poderiam comprar chocolate toda semana, sem se importar se os adultos estavam brigando ou não pelos preços.

# O MELHOR TIPO DE ADULTO

— APOSTO QUE A SRA. SAMPSON vai nos ajudar com o protesto! — Jo estava entusiasmada no recreio de segunda-feira. — Você se lembra quando o piquenique da escola foi cancelado por causa da chuva?

— Lembro... — Maggie franziu o cenho e apontou o dedo para Jo, imitando a voz e os gestos da professora — 'Apenas ficar reclamando dentro da sala de aula não vai adiantar, crianças. Vocês têm que dizer para as pessoas como se sentem. Remarquem o piquenique!'

Com a ajuda da Sra. Sampson, os alunos conseguiram: o piquenique foi remarcado duas semanas mais tarde e foi o melhor de todos os tempos! Tinha muito mais doces e até uma pequena taça de sorvete para cada um.

— Vamos falar com ela quando o sinal tocar! — disse Jo. — Você vem comigo, não vem?

— Claro! — confirmou Maggie. — Não quero precisar ser milionária para comprar chocolate!

— E o seu pai? Ele vai ficar bravo, não vai?

Maggie deu de ombros.

— Ele está sempre bravo ultimamente. Ontem à noite, ele ficou bravo com a mamãe, porque ela disse que ia protestar também.

— Sua mãe vai protestar contra o aumento do chocolate? — gritou Jo e logo em seguida tapou a boca com a mão, quando todas as outras crianças que brincavam no parquinho pararam e olharam para ela.

— Não! Ela não ia protestar contra o aumento do chocolate, boba! — Maggie caiu na risada. — Era sobre a manteiga. E a farinha, os ovos e todo o resto.

— Oh! Bem, mesmo assim, sua mãe é bem legal. E eu estou contente que você ainda queira protestar. Depois de ontem, achei que você ia desistir de tudo.

— E nunca mais comer chocolate? — indagou Maggie. — Você está brincando! Papai está bravo porque acha que ninguém vai mais comprar na loja dele, e nós vamos falir. Mas é nossa obrigação tentar baixar o preço do chocolate, de qualquer jeito!

“De preferência, antes do seu aniversário!”, pensou Maggie.

Assim que o sinal tocou, anunciando o fim do recreio, Maggie enrolou seu braço no braço da amiga, e as duas correram para a sala, parando em frente à grande mesa perto da lousa. A Sra. Sampson estava usando um vestido vermelho estampado com pequenas flores brancas, e era a única coisa colorida da sala. As carteiras eram todas em tons de bege e preto. A lousa também era preta. E ali estava a colorida Sra. Sampson.

Ela estava sentada em frente à mesa, com a cabeça mergulhada em exercícios de matemática. Seu cabelo era branco, e ela era tão velhinha que a maioria dos pais dos alunos tinha tido aula com ela. O pai de Maggie disse que ela era a melhor professora que aquela cidade conhecera. Ela nunca punia as crianças, como os outros professores costumavam fazer. Ela sempre dizia: “Se eu não respeitar vocês, como é que vou ensiná-los a me respeitar?”.

Sua pele era tão enrugada, que seu rosto parecia o de uma tartaruga. Mas quando sorria — e ela sorria sempre — nada disso tinha importância. Ela estava sorrindo agora.

— A senhora ficou sabendo que as barras de chocolate vão custar oito centavos? — perguntou Jo.

— Sim, eu soube. Sinto muito.

— Nós vamos organizar um protesto — disse Maggie.

— Muito bem! — A Sra. Sampson bateu palmas. — Já fizeram os cartazes? Estão pensando em fazer um abaixo-assinado?

— Os amigos do irmão de Maggie estão escrevendo cartas — respondeu Jo. — Maggie e eu vamos fazer cartazes com as crianças mais novas. Será que podemos ficar depois da aula para fazer os cartazes aqui?

— Não acho que o Sr. Paul vai compreender... — disse a Sra. Sampson, mordendo os lábios, preocupada. — Ele sempre diz que as escolas não devem se envolver com política... Como se as escolas não fossem para qualquer coisa a não ser política. Mesmo assim... — ela sacudiu as mãos, afastando o pensamento. — Isso é outra história. Eu quero ajudar de qualquer jeito, mas não vamos envolver a escola nem o diretor.

As três pararam para pensar alguns segundos. Maggie pensava na tinta vermelha que usaria para escrever em seu cartaz e tentava não pensar na cara brava de seu pai, vermelha de raiva. Ela até já podia imaginar: ele ia sair da loja furioso e sussurrar para as crianças irem embora. Ele sempre sussurrava quando estava realmente bravo. E sempre dizia que era muito melhor se controlar do que perder a cabeça, mas Maggie não conseguia entender como perder a cabeça — como será perder a cabeça com a cabeça no lugar? — podia ser menos assustador do que ficar diante da cara vermelhíssima de seu pai.

De repente, a Sra. Sampson sorriu.

— E se vocês fizessem os cartazes no meu quintal hoje à tarde? Umas cinco da tarde, que tal? Minha casa fica aqui na esquina, bem pertinho.

Maggie e Jo olharam fixamente para ela, sem acreditar que um adulto quisesse convidar um monte de crianças ba-gunceiras para ficarem no quintal com pedaços de papelão e latas de tinta.

— Acho que você também adora chocolate! — concluiu Jo, depois de alguns segundos.

A Sra. Sampson riu.

— Para mim, não é pelo chocolate. É por vocês, para que as vozes de vocês sejam ouvidas. Além disso, tenho certeza de que vocês serão bem organizados, espertos e eficientes, senão ninguém vai respeitar o protesto de vocês. Certo?

Jo e Maggie concordaram entusiasticamente e combinaram de levar o maior número possível de crianças naquela tarde.



## PLACAS E SLOGANS

— Ei, Charlie!

Na hora do almoço, Maggie tomou coragem. Tinha uma mensagem importante e por isso não podia hesitar. Charlie era quase tão velho quanto Thomas, além de ser o garoto mais popular da quinta série. Ela corrigiu a postura e ficou o mais alta que pôde para perguntar:

— Você está sabendo do protesto do chocolate? Vamos nos reunir na casa da Sra. Sampson hoje, às cinco da tarde, para fazer os cartazes.

— Sério? — Charlie parecia impressionado, mas mesmo assim cruzou os braços sobre o peito, desconfiado. — Tem certeza de que ouviu direito? Não quero aparecer na casa da Sra. Sampson e descobrir que você se enganou.

— Não há engano nenhum — confirmou Maggie. — Pode até perguntar para ela, se quiser. Peço apenas que fale com o maior número possível de crianças. Quanto mais, melhor.

Logo depois, Maggie viu Jennifer do outro lado do parquinho. Jennifer era a garota mais esnobe da quarta série. O pai dela trabalhava para o governo, e ela vivia numa mansão a poucas quadras da escola. Ela nunca convidava ninguém para ir à casa dela, a não ser quando era seu aniversário. Então ela convidava a classe toda, e um empregado servia sorvete e bolo

de chocolate para todo mundo. Muitas crianças faziam questão de convidar Jennifer para seus aniversários, só porque ela comprava presentes grandes e caros. Maggie não gostava do narizinho empinado daquela menina e, na maioria das vezes, ela simplesmente a ignorava. Mas hoje não podia ser assim. Hoje era diferente. O protesto era muito mais importante, e Maggie correu até ela para chamá-la.

Depois das aulas, Maggie e Jo levaram muito mais tempo para chegar em casa. Quando viam uma criança que já tinha idade suficiente para escrever um cartaz, corriam até ela e a convocavam.

— Levem tintas, papelão e muitas ideias! — dizia Maggie para todas as crianças que encontrava. — O futuro do chocolate depende de nós!



Maggie ficou aliviada ao ver que não teria que entregar ovos naquela tarde, porque tinha que pedalar a toda a velocidade para conseguir entregar tudo. Durante as entregas, ela ainda tinha que parar para falar com as crianças: três garotos jogando cartas, cinco batendo bola e três garotas vendendo limonada numa barraquinha. Todos concordaram em aparecer às cinco da tarde na casa da Sra. Sampson.

— Pois a senhora se comporte, hein, Maggie Jenkins! — foi o que disse a mãe de Maggie ao ver a filha à porta da frente com um papelão, uma corda e um pedaço de pau para fazer uma placa. — Não vá perturbar a Sra. Sampson!

— Foi ela quem nos convidou, mamãe! Ela nos chamou e disse para chamarmos as outras crianças.

— Acho que ela não esperava que você chamasse toda a vizinhança! Não quero ficar sabendo que uma multidão de crianças acabou pisoteando as rosas dela ou manchando a

calçada de tinta! — A mãe de Maggie balançou a cabeça. — A Sra. Sampson sempre teve mais coragem do que qualquer um. Eu só espero que ela saiba o que está fazendo!



O gramado, o jardim e toda a calçada em frente à casa da Sra. Sampson estavam cobertos de jornais.

— Viva! Aqui estão nossos primeiros manifestantes! — gritou a professora quando viu Maggie, Jo e os dois irmãos mais novos dela chegando correndo pela rua.

Jo apresentou Allen e Will à Sra. Sampson.

— Eu não queria que eles viessem, porque achava que eles iam fazer a maior bagunça, mas eles disseram que só vão olhar. E também queriam ver como era a casa de uma professora. O Will pensou que a senhora morava na escola.

A Sra. Sampson deu uma risadinha.

— Ainda bem que eu não moro! Seria muito desconfortável dormir em cima da mesa!

Ela colocou a mão nas costas e fingiu mancar e estar com dor. Os garotos riram, e ela piscou para eles.

— Se vocês quiserem, podem fazer muito mais do que apenas ficar olhando. Só Deus sabe quantos jornais nós temos forrando o chão e as paredes! Também temos algumas camisetas velhas para cobrir a roupa de vocês, se quiserem.

Ela conduziu as crianças pelo portão lateral até o quintal nos fundos. Os jornais davam a volta na casa e cobriam tudo, até as rosas!

— Sejam bem-vindos! Bem-vindos! — gritou um homem grandalhão ao portão dos fundos.

Suas bochechas e nariz eram bem vermelhos. Se ele estivesse usando barba branca e roupa vermelha, seria o irmão gêmeo de Papai Noel. Ele se apresentou como Sr. Sampson e

cumprimentou todas as crianças, apertando a mão de cada uma como se fossem adultos.

Maggie estava tão ocupada olhando para a linda casa azul e para a casinha dos pássaros pintada com a mesma cor, cuidadosamente pendurada à grade, que quase se esqueceu de ser educada, como sua mãe havia pedido.

— O que podemos fazer para ajudar? — perguntou, finalmente.

— Relaxem e façam seus cartazes! — respondeu o Sr. Sampson, no mesmo instante em que Charlie e algumas outras crianças chegavam com seus papelões, pedaços de pau e tachinhas.

— Pensem nos seus slogans: eles têm que ser curtos e engraçados. As pessoas gostam mais de alguém que as faça rir! — disse Charlie para um de seus amigos.

Estavam todos usando camisetas velhas tão grandes que com certeza pertenciam aos seus pais. Outros pais e mães deviam ter ficado tão preocupados com a bagunça quanto a mãe de Maggie.

Um garoto alto que Maggie tinha visto brincando com bolinhas de gude naquela tarde entrou pelo portão dos fundos.

— Temos que fazer com que os adultos se lembrem do que é importante para uma criança. É o que a minha mãe sempre fala! — disse o garoto alto para uma menina de cabelos pretos, presos em maria-chiquinhas.

— Eu já sei o que vou escrever no meu cartaz, mas não vou contar para ninguém! — disse Allen. — Onde tem um pincel? Podemos começar?

Maggie ainda não sabia o que escrever. Ela estava pensando em fazer dois cartazes e deixar que o pequeno Will carregasse um deles. Seus slogans eram: “Abaixem o preço! Não compraremos em nenhum endereço!” e “Logo, logo o dinheiro acaba! Oito centavos é uma roubada!”

Às cinco e meia da tarde, crianças vinham de todas as direções e tomavam a rua da Sra. Sampson. A maioria delas tinha a mesma idade de Jo e Maggie, algumas eram mais novas, e uma ou duas tinham a mesma idade que Thomas. Havia tantas crianças que o quintal estava lotado! Elas se acomodaram ao redor da casa e na calçada em frente.

— “Não seja bobo! Oito centavos é um roubo!” — gritou Claire, anunciando seu slogan.

— “O que este país precisa é de um bom chocolate a cinco centavos!” — Amy Nelson, a mais esperta da quarta série, anunciou seu slogan.

— “Cinco centavos é mais que suficiente. Oito centavos só paga quem é doente!” — declarou Jennifer.

Maggie sorriu, fazendo um grande esforço para ser gentil com Jennifer do nariz empinado. Quando Jennifer concordou em participar, Maggie não conseguiu entender direito. Mas agora Maggie percebia: Jennifer ficava andando em volta, dando palpites sobre o tamanho das letras ou corrigindo a grafia das palavras. Ou seja: ela queria ser o centro das atenções. Como sempre, as outras crianças a ignoravam. Até que ela declarou, em alto e bom som:

— Hoje eu falei com minha tia em New Brunswick pelo telefone.

Todos pararam para olhar. Nem mesmo a família dela conseguiria pagar uma ligação telefônica para um lugar tão distante, conseguiria? E, mesmo se conseguisse, por que colocaria uma menina de nove anos para falar? Maggie prestou atenção ao que Jennifer tinha a dizer.

— As crianças em New Brunswick estão recolhendo todo o açúcar que tem em casa — disse, enquanto olhava em volta, nos olhos atentos de cada criança. — Elas vão se juntar e fazer doce de leite, para ninguém precisar comer chocolate. Não é uma grande ideia?

## Maggie e a Guerra do Chocolate

Maggie caiu na risada.

— Você acha mesmo que os pais dessas crianças vão doar todo o açúcar, caro do jeito que é, para fazer isso?

— Claro que vão! — respondeu Jo, virando-se para a amiga. — Muitos adultos sabem como isso é importante. Veja a Sra. Sampson!

— Está bem, mas quantas senhoras Sampson existem no mundo? — perguntou Maggie.

— Chega! — cortou Jennifer, começando a fazer um novo cartaz. Furiosamente, como reparou Maggie.



— Obrigada, Sra. Sampson!

Maggie e as outras crianças agradeceram, marchando para a rua com seus cartazes pintados com grossas e fartas pinceladas.

— A senhora é demais, Sra. Sampson!

— Nós vamos comprar uma barra de chocolate para a senhora assim que o protesto funcionar!

A Sra. Sampson acenava do portão.

— Apenas façam seu melhor e me encham de orgulho! — respondia. — Não posso mais comer chocolate mesmo!

— Chocolate! Chocolate! Chocolate! — berravam os dois irmãos mais novos de Jo, correndo para o parque de diversões da escola.

Um cartaz com os dizeres “Doce é uma delícia! Mas oito centavos é injustiça!” balançava nos ombros do pequeno Will. Allen erguia o seu: “Oito centavos por chocolate ninguém merece!”.

Maggie estava ainda mais agitada do que quando tinha quebrado os ovos, dois dias antes. Com tantas crianças boicotando a compra do chocolate, com certeza os preços cairiam logo. Portanto, Maggie não teria mais que se preocupar com

a loja de seu pai e, até sexta-feira, ela já conseguiria comprar o presente de aniversário de Jo e ser a melhor amiga de todos os tempos.

Jo levantou o seu cartaz (“O cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada, nós estamos protestando, e você não vai fazer nada?”) e foi atrás dos irmãos no parquinho.

— Você imagina como é falar com alguém em New Brunswick pelo telefone? — perguntou Jo.

— Eu não acreditei — respondeu Maggie, virando os olhos. — Ninguém deixaria uma criança fazer algo tão caro.



Este garoto em Montreal era um dos muitos pelo país que protestavam contra o preço do chocolate. (No cartaz: "O que este país precisa é de um bom chocolate a cinco centavos".)





Os pequenos não protestavam apenas nas cidades. As crianças que viviam em zonas rurais também deixavam claras as suas opiniões. (No cartaz: "O que este país precisa é de um bom chocolate a cinco centavos".)

— Eu não sei... — suspirou Jo. — Minha mãe diz que a família de Jennifer tem tanto dinheiro que nem sabe o que fazer com ele. Como seria bom se minha prima Annette tivesse um telefone! Assim poderia falar com ela quando quisesse!

Maggie sentiu um aperto no estômago. Nos últimos dias, Jo estava quase sempre falando de sua prima. E, pelas próximas semanas, Maggie teria que trabalhar quase todos os dias para pagar a seu pai pelo prejuízo dos ovos. Quando Maggie estivesse livre para brincar depois das aulas, Jo estaria ocupada demais com a terrível Annette e nem ia ligar para ela.

— E a Annette? O que ela tem de tão especial? — perguntou Maggie. — Você disse que toda a sua família tem que se virar de cabeça para baixo para arranjar um lugar para ela. E você tem que dividir a cama com ela todos os dias.

— Mas essa é a melhor parte! — exclamou Jo. — Nós ficamos contando histórias uma para a outra a noite toda, e ninguém nos manda ficar quietas, porque Annette é uma hóspede e pode fazer o que quiser!

Como Maggie queria ter uma prima vivendo perto de casa! A única pessoa que ainda lhe contava histórias era seu pai, mas todas as suas histórias terminavam pontualmente às 21h, quando ele apagava a luz e dizia que era hora de dormir.

Thomas também costumava lhe contar histórias. Uma vez, ele contou sobre um fantasma que vivia dentro da loja, no andar de baixo, e ela gritou tanto que seus pais ficaram bravos com ele, por ter assustado a irmã. Thomas ficou sem falar com ela por uma semana, até ela esconder as figurinhas dele no andar de baixo, onde a história dizia que o fantasma dormia. Thomas a chamou de tonta e revelou que nenhuma daquelas histórias era verdadeira. Depois disso, eles voltaram a se falar, mas ele nunca mais lhe contou histórias.

— Bem — disse Maggie para Jo —, de qualquer jeito, eu provavelmente vou estar muito ocupada quando Annette estiver aqui.

Jo pareceu ter ficado magoada.

— Você vai trabalhar em julho e agosto também?

— Provavelmente.

Maggie não acreditava que seu pai teria muitas entregas durante as férias de verão, porém sua mãe ia chamá-la para cuidar do jardim, varrer o apartamento e ajudá-la na cozinha. Naquele momento, era importante que Jo soubesse que, mesmo que ela não precisasse, alguém sempre precisaria de Maggie.

— E tem outra coisa: não posso ir para o protesto amanhã. Preciso fazer umas entregas para o meu pai.

— De novo? — Jo fez uma careta de chateação. — Você está sempre trabalhando agora!

— Você se esqueceu que eu tenho que pagar pelos ovos quebrados?

— Você não vai entregar barras de chocolate, vai?

Maggie riu.

— Você consegue imaginar um adulto pedindo para entregarem barras de chocolate? Até mesmo os pais de Jennifer não gastariam dinheiro com isso!

Jo pareceu mais aliviada e feliz, enquanto as duas balançavam em silêncio nos balanços do parquinho. “Esse boicote tem que funcionar”, pensava Maggie. Ela ainda não conseguia nem sonhar com um presente tão bom quanto uma barra de chocolate de cinco centavos. Se o preço do chocolate não baixasse, ela nunca seria a melhor amiga de todos os tempos. E quem sabe o que poderia acontecer com a chegada de Annette?

O tempo estava se esgotando. Faltavam apenas três dias para o aniversário de Jo.

Não era apenas o presente que estava em jogo, mas a própria amizade de Jo parecia depender dos gritos de protesto de Maggie.

# PROTESTANDO CONTRA O PROTESTO

MAGGIE CORREU PARA CASA depois da escola na terça-feira à tarde, ansiosa para pegar suas entregas na loja antes de os manifestantes chegarem e afastarem os clientes de seu pai. Muitas crianças já tinham protestado na hora do almoço, mas a loja de seu pai ficava a pelo menos vinte minutos a pé da escola mais próxima. Logo, as crianças não tiveram tempo de protestar por lá. Em alguns minutos, o pai de Maggie veria o primeiro grupo de crianças revoltadas.

Ela encheu a cestinha da bicicleta com os produtos e saiu em disparada, pedalando. Ninguém tinha comprado ovos naquele dia, portanto ela podia pedalar mais rápido ainda. Depois de entregar todas as encomendas, teria que voltar para a loja e enfrentar os manifestantes. Não tinha mais como evitar isso. Lá estavam eles, acenando para ela, bem à porta da loja. Ela reconheceu Charlie, da quinta série, Jennifer, a esnobe, e outras crianças da segunda série. Ela acenou de volta e passou por eles, tentando ler todos os cartazes sem bater em ninguém.

**“Oito centavos por barra não tem nada a ver  
Eu vou protestar até poder comer!”**

**“Oito centavos é um roubo!  
Daqui a pouco vão querer o dobro!”**

**“Barrem a barra de oito centavos!”**

Os mesmos slogans que a fizeram tão feliz no dia anterior agora a estremeciam, quando pensava em seu pai, sozinho, lá dentro da loja. Será que ele estava bravo? Desapontado? Triste? Será que ele entendia que aquilo não tinha nada a ver com ele, como Thomas havia dito?

— Você está sabendo de alguma coisa sobre isto, Maggie?  
— perguntou ele, logo que ela entrou pela porta dos fundos para pegar as duas últimas entregas.

Ela sentiu um nó no estômago. Ele passou os dois pacotes por cima do balcão e, enquanto Maggie ainda tentava pensar numa resposta, alguém entrou na loja, balançando e tilintando todos os sininhos que ficavam sobre a porta da frente.

— Não se preocupem! — disse uma mulher para as crianças que berravam do lado de fora. — Eu só vou comprar pão, nada de chocolate!



As crianças que tinham bicicleta saíram pedalando pela cidade, ajudando a espalhar a notícia.

## Maggie e a Guerra do Chocolate



Crianças se reuniram em grupos para sair às ruas e protestar.

As crianças ainda disseram qualquer coisa, e a mulher caiu na risada. Maggie ainda sentia o estômago embrulhado. Aproveitando a distração de seu pai, que sorria para a cliente, ela aproveitou o momento para escapar dali.



— Por que você não está aqui conosco? — perguntou Jennifer, a esnobe, quando viu Maggie tentando sair de fininho pela lateral da loja.

— Eu vou protestar mais tarde — respondeu Maggie. — Em outro lugar.

— Ah, é! — interrompeu Charlie. — Ela não pode protestar contra o próprio pai!

— Mas também não precisa trabalhar para ele! — cutucou Jennifer e ainda mostrou a língua.

Maggie ficou tão chocada, que não sabia o que dizer. Sentiu o sangue esquentar.

— O que isso tem a ver com você? — rebateu Maggie. — Você sempre teve tudo de mão beijada! E agora meu pai é o inimigo? Não foi ele que aumentou o preço do chocolate!

— Você está vendo algum chocolate de cinco centavos aí dentro? — zombou Jennifer, apontando para a porta da frente da loja. Ela fez cara de nojo e um barulho que parecia que alguém tinha pisado em cocô de cachorro. — Isso é que é ser solidário, hein?

— O que é ser solitário, Jennifer? — perguntou um garotinho que nem alcançava os ombros dela.

— Solidário — corrigiu ela — significa ficar junto. Significa não trabalhar para uma pessoa que está vendendo barras de chocolate a oito centavos, e sim protestar contra ela!

— Eu já disse que vou protestar mais tarde! — argumentou Maggie. — E se você soubesse o que é ter que trabalhar



para viver, você saberia que ele simplesmente não pode vender a barra de chocolate por menos. Ele ia perder dinheiro. E não é só pelo chocolate. É sobre ter o que comer.

Jennifer virou as costas e saiu batendo o saltinho dos sapatos, gritando seu slogan pela rua:

— Oito centavos por barra não tem nada a ver! Eu vou protestar até poder comer!

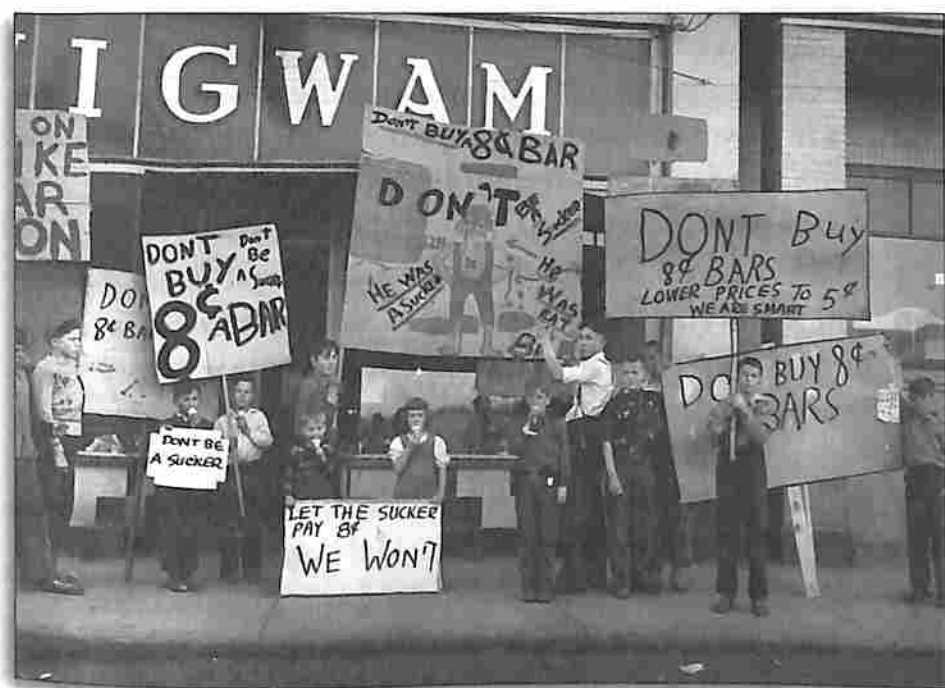
Maggie pulou sobre a bicicleta e saiu em disparada, bufando de raiva. Jennifer não precisava protestar para comer. Além disso, ninguém gostava delas, a não ser pelos presentes que ela dava nos aniversários. E ninguém ia se lembrar daquele slogan! Mas a pior parte era que Maggie também não estava protestando e, para piorar ainda mais, ainda estava trabalhando para o próprio pai, para comprar um presente de aniversário para a melhor amiga.

Ela pedalava o mais rápido que podia, voltando todos os seus pensamentos para o protesto que tinha preparado com tanto entusiasmo. Procurava não pensar em seu pai, na loja e em como seus planos para o melhor presente de aniversário de todos os tempos estavam desaparecendo.



Durante as entregas, Maggie sentia um desconforto no estômago. Quando chegou em casa, sentiu-se ainda pior ao pegar seu cartaz e sair escondida pelo quintal, para não ser vista pelo pai.

Jo já estava na frente da Merceria McNally, quando Maggie encostou sua bicicleta. Ela já tinha pedalado por um longo caminho, passando pelos prédios do Legislativo, pelo Hotel Imperatriz e em parte da Rua do Governo. Esse era o mais longe que podia ficar de casa sem levar bronca dos pais. E, finalmente, a “viagem” tinha chegado ao fim.



"Não queremos saber quanto custam os carros!  
Queremos chocolates a cinco centavos!"

## Maggie e a Guerra do Chocolate

— Desculpe pelo atraso! — desculpou-se com a amiga, Jo. — Jennifer estava protestando em frente à loja do papai e fez a maior confusão, dizendo que eu não ligo para o chocolate e que eu não deveria trabalhar para ele.

Jo suspirou. Ela estava quase dizendo alguma coisa, quando um homem vestido com terno e gravata subiu os degraus para entrar na mercearia.

— O senhor não vai comprar uma barra de chocolate, vai? — perguntou Jo, olhando para ele.

— Ora, eu não sei — disse ele, tentando remover uma mancha invisível da manga do paletó. — Por que eu não deveria comprar chocolate? — perguntou, sorrindo, imaginando que Jo não saberia a resposta.

— Porque estamos boicotando as barras de oito centavos — explicou Jo, pronunciando a palavra boicote bem devagar, para que ele entendesse. — Só um boicote pode baixar os preços.

O homem deu uma risadinha e abriu a porta da loja.

— Então vou ter que me conformar com um chiclete!

Pelo menos, ele estava disposto a ajudar. Em uma hora de protesto em frente à Mercearia McNally, Maggie viu que algumas mulheres esconderam barras de chocolate dentro dos bolsos antes de sair da loja. A maioria das pessoas, entretanto, aplaudiam e incentivavam, quando passavam a pé ou de carro em frente à loja e liam os cartazes de Maggie e Jo. Várias pessoas pararam para elogiar o trabalho que as garotas estavam fazendo. Uma mulher até mesmo levou um copo de limonada para cada uma, caprichosamente arrumados numa bandeja.

— Talvez até o meu aniversário — comentou Jo com a amiga — o protesto já terá terminado, e nós duas poderemos dividir uma barra de chocolate!

Maggie concordou, entusiasmada. Mas não conseguia nem imaginar comer metade do presente de aniversário da amiga. E que presente difícil de conseguir!

Quando viram Charlie voltando para casa depois de passar o dia protestando em frente à outra loja, Maggie estava cansada e faminta. Além disso, tinha passado o dia todo pensando em chocolate, e isso não ajudava em nada! Mas Charlie tinha uma ideia tão boa que quase fez a irmã se esquecer da fome.

— Por que não fazemos uma marcha de protesto? — sugeriu ele.

— Uma marcha! — suspirou Jo. — Será que podemos?

— Por que não? — perguntou Charlie. — Temos muita gente, temos cartazes e podemos pensar em outras coisas também.

Maggie achou que marchar pelas ruas era uma grande ideia. Isso levaria as crianças para as ruas, longe das lojas.

— Posso decorar minha bicicleta, se tiver tempo — sugeriu. — Quando iremos? Amanhã?

— Não, precisamos de alguns dias para preparar tudo — explicou Charlie. — Que tal sábado?

Maggie sentiu um aperto no coração. Sábado era um dia depois do aniversário de Jo.

— Você acha que o boicote vai durar até sábado?

— Quem sabe? — disse Charlie. — Talvez no sábado faremos uma marcha da vitória!

— Eu espero mesmo que sim! — suspirou Maggie.

# NEGÓCIOS À PARTE!

MAGGIE ESTAVA ainda mais exausta quando chegou em casa naquela noite. Esperava que sua mãe estivesse preparando um jantar quentinho e delicioso.

Antes mesmo de abrir a porta do apartamento, ela ouviu a voz exaltada de Thomas.

— Não é contra os donos das lojas.

— Eu sei disso — respondeu seu pai. — Mas o caso é que...

Maggie entrou, e os dois pararam e olharam para ela.

— Oi!

Maggie tentou agir naturalmente, como se não soubesse do que estavam falando. Sua mãe veio da cozinha e beijou a bochecha de cada um. Maggie desamarrou os sapatos e cheirou o ar, tentando adivinhar o que havia para o jantar. Mas nenhum aroma ou vapor cheiroso pairava no ar. Talvez o jantar fosse alguma coisa fria. Talvez salada de batata, seu prato favorito. Sentiu o estômago roncar.

Sobre a mesa da cozinha repousava uma grande pilha de sanduíches de alface e tomate. Maggie e o pai fizeram uma careta de decepção.

— Teve um dia cheio? — perguntou ele.

— Muito! — respondeu a mãe de Maggie, com a face radiante de quem acabou de receber um presente. — Pensei que

## Maggie e a Guerra do Chocolate

a coletiva fosse durar apenas uma hora, mas acabou durando três! Decidimos escrever para o nosso M.A.L. sobre o preço da manteiga. Também pensamos em começar um abaixo-assinado.

— Nosso mal? Que mal? — perguntou Maggie.

O pai ficou confuso com a pergunta por alguns minutos e logo depois caiu na risada.

— Não é mal, é M.A.L. Membro da Assembleia Legislativa. É a pessoa que nos representa no governo do estado. Sua mãe quer que o governo faça algo sobre o preço dos alimentos — disse ele, sentando-se à mesa e suspirando. — Pelo menos você não está colocando a culpa nos donos das lojas — disparou, olhando para a esposa.

Maggie esperava que sua mãe se abaixasse e, carinhosamente, beijasse a testa de seu pai, como ela sempre fazia ao consolá-lo, quando as vendas pioravam. Em vez disso, ela simplesmente sentou-se na cadeira ao lado e disse:

— Ninguém está culpando você, George. E os manifestantes não estão fazendo nada de errado. Além disso, pense bem: se eles não têm dinheiro suficiente para pagar, não iriam comprar de qualquer jeito.



Assim como os amigos de Maggie, muitas crianças protestaram em frente às lojinhas de bairro para tentar convencer os fregueses a juntar-se a eles no boicote às barras de chocolate de oito centavos.

Maggie sentiu que poderia sair uma briga daquela resposta que sua mãe havia dado, mas estava faminta demais para sair da mesa. Ela mordeu seu sanduíche, espichando os olhos para o irmão. Ele também parecia querer sumir dali.

— Eu não sei — respondeu o pai, franzindo tanto a testa que apareceram quatro rugas profundas. — Protestar pelas ruas e escrever cartas para os políticos é uma coisa. Protestar em frente à minha loja é outra. Essas crianças estão espantando os fregueses.

— As pessoas que querem comprar vão continuar comprando — respondeu a mãe de Maggie, depois de pensar por alguns segundos. — E, se você apoiar os pequenos manifestantes na sua porta, é muito provável que mais tarde ganhe fregueses fiéis.

Um longo silêncio se fez entre os dois adultos, e Maggie não conseguia nem erguer o olhar. “Mamãe está certa”, pensou, ao mesmo tempo em que sentia pena do pai. Ele sempre fora muito gentil com todas as crianças, e agora essas mesmas crianças estavam gritando bem na cara dele.

Assim que Thomas conseguiu enfiar o último pedaço de sanduíche na boca, deu um pulo da cadeira e pediu licença.

— Eu tenho um protesto marcado em frente ao Five-and-Dime, no centro da cidade — anunciou em alto e bom som, vendo que seu pai franzia ainda mais a testa.

— Eu também tenho que ir... — sussurrou Maggie, baixando os olhos.

— Eu não acredito que minhas próprias crianças estão afastando os fregueses de comerciantes inocentes e...

— Divirtam-se! — cortou a mãe de Maggie, levantando-se para levar seu prato até a pia. — Mostrem para eles do que vocês são capazes!

“Do que será que eu sou capaz?”, perguntou-se Maggie, enquanto descia a escada com passos pesados. Ela estava chateada e desconfortável com aquela situação, mas, sabendo que contava com o apoio da mãe, também estava muito animada.





— Então, o plano é o seguinte. Todo mundo prestando atenção!

Maggie não conhecia o menino que dava ordens. Ele era um dos mais velhos, provavelmente estava na última série. Usava um boné de lã, como os dos meninos que vendem jornais nos filmes antigos. Ele usava o boné bem enfiado na cabeça, quase cobrindo os olhos, como se quisesse esconder o rosto para não ser reconhecido, porém ao mesmo tempo berrava tão alto que toda a vizinhança certamente estava escutando a sua voz!

Maggie e Thomas tinham pedalado juntos até o encontro, passando pelos prédios do Legislativo e pelo Imperatriz, pela orla, quase passando por Chinatown. Thomas ia na frente e ficava gritando para a irmã se apressar, no entanto os dois acabaram chegando ao mesmo tempo.

O Five-and-Dime já estava fechado. Os adultos tinham ido para casa jantar, e a rua estava tomada por um enxame de crianças. Durante todo o dia, na escola, Maggie ouvira crianças sussurrando:

— Você já está sabendo do encontro? Você vai?

Jo não podia ir, porque tinha que ficar cuidando dos irmãos, mas Thomas, Jeffrey, Jennifer, Charlie e pelo menos mais cinquenta crianças estavam ali. Algumas vestiam roupas gastas e desbotadas, e outras usavam peças caras e sapatos brilhantes e engraxados. Todas ouviam atentamente o garoto com o boné de entregador de jornal.

— Encontros desse tipo estão acontecendo por toda a cidade de Victoria nesta noite! — gritou. — Os protestos em frente às lojas estão indo bem, e alguns lojistas já estão tentando dar um jeito de baixar os preços. Mas não são eles que decidem o preço final do chocolate.

Maggie fulminou Jennifer com o olhar e teria até mostrado a língua, mas ela nem estava prestando atenção. Distraidamente, conversava com uma garota ao lado.

— É nossa obrigação contar a todo o país o que pensamos sobre o aumento dos preços! — continuava gritando o garoto de boné. — Os políticos precisam nos ouvir, por isso, amanhã... Amanhã, nós vamos protestar em frente ao Legislativo!

Depois de alguns momentos de espanto e silêncio, a multidão de crianças aplaudiu e gritou. Todos falavam ao mesmo tempo.

— Será que vão nos deixar entrar?

— Claro que não, seu bobo! Nós vamos entrar na marra! Temos que falar com os políticos, e eles nunca vão prestar atenção num monte de crianças sentadinhas na grama, segurando cartazes ou não!

— Acho te meus pais dão bão me veixar! — disse um garotinho que parecia fanhoso.

— Então, não conte nada para eles! — sugeriu outra criança.

— Você vai contar para a mamãe e para o papai? — perguntou Maggie, puxando a manga da camisa do irmão.

— Não sei. Acho que sim. Mamãe está passando mais tempo organizando protestos sobre o preço da manteiga do que preparando o jantar, então ela seria a última pessoa a reclamar!

— Papai não vai gostar... — disse Maggie. — Nós não podemos simplesmente invadir um prédio do governo! Deve ser ilegal ou coisa assim.

— Mas nós não iremos destruir nada — retrucou Charlie. — Só queremos conversar com eles.

Jennifer já estava abrindo a boca para dar sua opinião, mas Maggie lhe deu as costas. O garoto de boné ainda estava gritando.

— Amanhã, nos encontramos no gramado em frente ao Legislativo, assim que as aulas terminarem. Vamos mostrar para eles do que somos capazes!

Novamente, todos gritaram e aplaudiram. Com o protesto do dia seguinte e a marcha de sábado, essa seria a semana mais incrível de todos os tempos!

A multidão barulhenta dispersou-se, cheia de planos.



Thomas voou para casa, deixando Maggie para trás. Quando ela chegou e guardou sua bicicleta, Thomas já havia entrado e subido as escadas até o apartamento. Do lado de fora, ela parou para ouvir e perceber qual era o “clima” lá dentro. Não havia nenhuma voz exaltada. Nenhum sussurro que pudesse ser ouvido. Abriu, então, a porta.

Thomas estava tomando um copo d’água na pia da cozinha. O rádio tocava baixinho, e sua mãe costurava o vestido azul para o aniversário de Jo. Maggie abraçou-a, e Thomas aumentou o volume do rádio.

— Escutem! Estamos no rádio!

“Hoje, novamente, por toda a cidade”, anunciava o radiologista, “crianças erguiam cartazes contra as barras de chocolate de oito centavos. Os protestos começaram há três dias em Ladysmith e estão rapidamente se espalhando por todo o país. Jovens manifestantes esperam que o boicote resulte na volta da etiqueta de cinco centavos sobre seu doce favorito.”

Maggie sentiu uma onda de esperança com o sucesso que já tinham conseguido alcançar. Até sexta-feira, os preços *poderiam* ter baixado, assim ela não teria que pensar em outro presente de aniversário para Jo.

Thomas gritava e aplaudia.

— Esperem até abalarmos o Legislativo! — disse, com os olhos ferozes e as mãos segurando uma arma imaginária.

— Thomas, você não vai abalar nada — disse a mãe. — Vocês vão perguntar educadamente o que os políticos planejam fazer para baixar os preços.

Thomas correu pela cozinha, gritando:

— Vai fazer o quê, cara? Vai fazer o quê? — gritou. Logo em seguida, desceu correndo as escadas.

Maggie encontrou o pai na sala. Ele estava sentado na poltrona verde, com o jornal do dia espalhado ao colo. Maggie sentou-se no braço do sofá.

— Papai? Eu não vou voltar para casa depois da escola por alguns dias.

Ele olhou para a filha, como se aguardasse mais explicações.

— Eu... — Maggie hesitou por alguns instantes. — Eu estou ajudando a Sra. Sampson.

Era uma meia verdade. A Sra. Sampson realmente havia pedido que Maggie limpasse a lousa às quartas-feiras naquele mês. Mas limpar a lousa não levava mais do que vinte minutos. E era só um dia da semana, o dia seguinte. Maggie esperava que seu pai não fizesse mais perguntas.

— Tenho algumas entregas separadas para você à tarde — disse ele.

— Eu volto às quatro e meia. Posso entregar quando voltar! — respondeu, num tom responsável e confiante. Ela abriu um sorriso tão iluminado que também contagiou o pai.

— Bem, eu não quero pedir que você volte correndo para casa só para quebrar uns galhos na loja. Ainda não estamos tão desesperados!

Por trás de seu sorriso, Maggie de repente sentiu que queria chorar. Ele estava sendo tão bom, e ela estava escondendo as coisas dele. Mas como poderia contar toda a verdade?

Por que tudo tinha que ser tão *complicado*?

# A GREVE MAIS ESTRANHA DO MUNDO

**NODIA SEGUINTE**, todos estavam tão ansiosos pelo protesto no Legislativo, que ficava difícil se concentrar em somas e ortografia. A classe toda se sentiu aliviada quando a Sra. Sampson bateu palmas vinte minutos antes da hora do almoço e anunciou:

— Vocês podem guardar os livros agora, crianças. Tenho notícias para vocês.

Maggie adorava esses vinte minutos antes do lanche. Todos os dias, os alunos levavam recortes de jornal ou contavam o que tinham ouvido no rádio. A maioria das crianças tinha ouvido as notícias no rádio naquela manhã.

“Sinais de revolta contra o aumento de preços estão aparecendo por todos os lados”, relatava o locutor. “Todos dizem que as lojas que vendem doces estão sabotando a vontade das crianças e o que este país precisa é de uma boa barra de chocolate a cinco centavos. Por todo o país, mais de cem líderes da revolta do pirulito gritam que o aumento do preço é uma injustiça com os que gostam de se lambuzar. Por isso, estão fazendo a greve mais estranha do mundo!”

Depois de ouvirem isso, todo mundo só queria falar de chocolate.

— O rádio diz que os protestos estão se espalhando pelo país — disse Jo para a classe. — Ontem, eles falaram das crian-

ças em Regina, Saskatchewan. Eles também estão em greve por lá. E até mesmo as crianças em cidades menores estão pegando suas bicicletas e andando pelas ruas com cartazes, fazendo questão de mostrar como se sentem!

— O que vocês acham que vai acontecer agora? — perguntou a Sra. Sampson para a classe.

— Nós vamos abalar o Legislativo, e o governo cairá! — gritou Jimmy, erguendo o pulso cerrado no ar.

— Oh, Jimmy... — suspirou a Sra. Sampson. — Eu achava que vocês iriam fazer um protesto calmo e respeitoso.

— E vamos, Sra. Sampson — concordou Jimmy, desapontado.

— Eu acho que é muito importante encarar toda essa situação com respeito — enfatizou a professora. — Lembrem-se da nossa conversa da semana passada, sobre liberdade e direitos civis? Em alguns países, não é permitido que as pessoas falem o que pensam. Em outros lugares, as pessoas são mortas quando discordam do governo.

Maggie e Jo trocaram um olhar. Não é possível...

— Aqui não é assim, claro — assegurou a Sra. Sampson a todos. — Mas ainda é importante que exerçamos nossa liberdade sem perder o respeito.

— Mas, Sra. Sampson — indagou George, que se sentava na última fileira —, o governo não está respeitando as crianças.

A professora concordou, abaixando a cabeça vagarosamente.

— Apenas tentem se lembrar, todos vocês, de que isso não é um ataque pessoal. Durante a guerra, e logo depois, o governo deu um dinheiro extra aos donos de fábricas para ajudá-los a continuar produzindo. Se não fosse por esse dinheiro, não haveria nem chocolates para comprar.

— Viu? — Jennifer sussurrou para Jimmy.

— O que você disse? — perguntou a Sra. Sampson, olhando para a garota com severidade.

Jennifer sentou-se bem empinada na cadeira.

— Eu estava dizendo, Sra. Sampson, que, se não fosse pelo governo, nós não teríamos nenhum chocolate para comer, então, por que devemos atacá-lo?

— Quem está atacando o governo? — perguntou Maggie.  
— Nós apenas queremos que eles saibam como estamos nos sentindo. Um governo não consegue ser bom, se não sabe como as pessoas se sentem.

Naquele momento, o sino tocou, e a classe foi dispensada. Maggie pegou sua lancheira, que estava perto do cabideiro dos casacos, e procurou por Jo, que estava falando com Jennifer.

— Ei, Jennifer — chamou Maggie. — Ontem você disse coisas horríveis sobre mim, que eu era uma traidora, e agora não quer protestar em frente ao Legislativo?

— O pai dela trabalha lá — respondeu Jo.

— Ah... — exclamou Maggie, como se não soubesse disso antes. — Então ele é uma das pessoas que controlam os preços, não é?

— Não! — respondeu Jennifer. — Ele não tem nada a ver com isso, e não vejo por que vocês têm que implicar com ele.

— Ninguém está implicando com ele — respondeu Jo. — Estamos apenas falando o que pensamos.

Jennifer fez uma careta.

— Bem, não se esqueçam do que a Sra. Sampson disse: pessoas em alguns países são mortas por dizer o que pensam. Vocês deveriam ser gratas por terem um governo tão bom.

Jennifer virou-se rapidamente e marchou para fora, deixando para trás Jo e Maggie, que se olharam e balançaram a cabeça, exasperadas.



Naquela tarde, ondas de crianças saíam da escola e desciam a colina diretamente para os prédios do Legislativo, todas erguendo seus cartazes. A escola de Maggie era a mais próxima,

e sua turma chegou primeiro. Não precisaram esperar muito, até que todo o gramado estivesse tomado por crianças. Em meia hora, mais de duzentas crianças estavam marchando e gritando, fazendo tanto barulho, que um homem de uniforme azul colocou a cabeça para fora da porta da frente do prédio.

— Cinco centavos é bom senso! — gritava Jo em direção aos prédios.

— Queremos barras de cinco centavos! — gritou Maggie.

— Vamos lá falar com o governo! — gritou o menino com boné de entregador de jornal.

Toda a multidão começou a marchar, e Maggie soltou uma risadinha nervosa quando sentiu que estava sendo empurrada em direção ao grande prédio de pedra, junto com todas aquelas crianças. Eles abriram as portas e inundaram o salão limpo e brilhante.

— O que você pretende fazer sobre o preço do chocolate? — o garoto de boné exigiu uma resposta do primeiro homem com quem se depararam.

— Eu vou saber? — respondeu o segurança, com as mãos à cintura, colocando-se bem no meio do caminho. — Tudo o que eu sei é que não posso deixar vocês entrarem!

— Tarde demais! — gritou Maggie.

A multidão de crianças passou por ele, subiu as escadas cercadas de vitrais coloridos e entrou numa galeria.

Passando pelos corredores, outros homens e algumas mulheres corriam para vê-los pelas portas. Jo perguntou para um homem de terno e gravata o que ele pretendia fazer sobre o aumento dos preços, e Maggie quase não conseguiu ouvir a resposta dele, que tentou passar despercebido dando passos rápidos:

— Oh, hum, bem, vejamos, acho que teremos que pensar nisso. Hã... Você poderia estar aqui?

Mais seguranças chegavam, além do pessoal da manutenção, e alguém na frente deu um grito. As crianças pararam e



começaram a recuar. Logo, toda a multidão de crianças estava descendo as escadas, aplaudindo e gritando quando saíam do prédio. Os adultos balançavam a cabeça em desaprovação e sorriam ao mesmo tempo. Maggie estava orgulhosa do que tinham feito, mas aliviada porque tudo já tinha terminado. O protesto foi aparentemente bem respeitoso, já que todos pareciam muito felizes.

— Todo mundo por aqui! — chamou Thomas. — Um fotógrafo quer fazer uma foto nossa!

Crianças, cartazes e bicicletas aglomeraram-se na escadaria do grande prédio de pedra.

— Papai me contou que é aqui que eles tiram fotos quando recebem visitantes muito importantes! — sussurrou Maggie ao ouvido de Jo.

Enquanto a multidão gritava “Queremos chocolate a cinco centavos!”, o fotógrafo tirava uma foto atrás da outra.

# PIRRALHA MIMADA

NA MANHÃ SEGUINTE, Maggie correu até a cozinha ainda acabando de se vestir.

— O que deu no noticiário? Eles falaram do Legislativo? O preço do chocolate baixou?

Sua mãe mantinha os olhos fixos no mingau do café da manhã.

— Eles falaram, sim, do Legislativo. Mais de duzentas crianças! Quem me dera ter estado lá!

— E os preços? — perguntou Maggie, arrumando o vestido.

Sua mãe balançou a cabeça.

— Ainda não baixaram.

Maggie sentiu lágrimas nos olhos. No dia seguinte, Jo faria dez anos, e Maggie não tinha nada para lhe dar de presente.

— Essas coisas demoram, Maggie Munchkin. Mas veja o que vocês já conseguiram!

Sua mãe contou nos dedos: novos amigos, solidariedade, ajuda dos adultos...

Maggie apenas balançou a cabeça. Ela não poderia dar nenhuma dessas coisas de presente de aniversário para Jo.



— Aqui estou eu! Atrás, à esquerda! Sou eu!

Dezenas de estudantes se aglomeravam sobre os recortes de jornal com as notícias daquele dia. Todos queriam ver as fotos de pertinho para tentar se encontrar nas imagens e mostrar para os amigos. Todos gritavam e comemoravam, animados.

Todos, menos Maggie. Nada tinha dado certo naquele dia. Seu lápis tinha quebrado durante a prova de aritmética, e ela passou tanto tempo a apontá-lo que quase não conseguiu terminar o teste. Não havia encontrado Jo à hora do almoço, porque a amiga tinha aula de trilha e acampamento e, à tarde, Maggie já estava tão cansada de pensar num outro presente que ficou com raiva quando o sinal das três horas bateu.

— Estou num dia perfeito para protestar! — disse a Jo quando marcharam até a Merceria McNally com seus cartazes. — Não acredito que o preço ainda não caiu. Se duzentas crianças dentro do Legislativo não mudaram nada, então o que pode mudar?

Jo suspirou, levantando um pouquinho mais o cartaz que trazia apoiado no ombro.

— É injusto, eu sei. Pelo menos estamos fazendo alguma coisa! Estamos fazendo o nosso melhor! Mamãe disse que é isso que conta.

Maggie sentiu-se melhor naquela tarde, carregando seu cartaz e acenando para as pessoas que cumprimentavam os manifestantes ou buzinavam quando os viam. Jo não mencionou a prima Annette nenhuma vez durante a tarde toda. Maggie já tinha recuperado o humor na hora em que começou a arrumar as coisas para ir embora.

— Aonde você vai? — perguntou Jo.

Eram quatro e quinze. Ainda faltava muito tempo para as lojas fecharem, mas Maggie estava indo para casa.

— Meu pai está me esperando — explicou Maggie. — Ele disse que eu podia fazer o que quisesse depois da escola, mas só até quatro e meia. Se eu conseguir fazer minhas entregas bem rápido, talvez consiga voltar para cá.

— Não se incomode! — Jo gritou mais uma vez seu slogan de protesto, com toda a força de seus pulmões, e virou-se, encarando Maggie. — Você não dá a mínima para este protesto, não é? Você só quer saber de ganhar dinheiro!

Maggie deu uma piscadela e encarou a amiga.

— Você é igual ao seu pai — finalizou Jo.

— O quê?

— Você me ouviu! — rebateu Jo. — Ele fingia que era amigo de todo mundo, mas assim que anunciaram que o preço ia subir, ele já começou a vender os chocolates por oito centavos.

— Não diga coisas assim do meu pai! — sussurrou Maggie, tentando não explodir. — Ele não consegue mudar o preço do chocolate! Nós também temos que comer, sabe?

— Ele não precisava ter aumentado os preços logo de cara, se ele ainda tinha barras de chocolate antigas.

Maggie ficou muito furiosa ao ouvir isso, mas se controlou para não fazer uma cena bem no meio da rua, onde um dos fregueses de seu pai poderia vê-la. Ela não seria uma pirralha mimada como Jo.

— Você, Josephine Martin, é a pessoa mais impossível que eu já conheci!

Maggie pegou a bicicleta e pedalou o mais rápido que podia, apertando seu cartaz contra o ombro. Jo ainda deu um grito, mas Maggie já estava longe demais para entender.

Quando Maggie chegou à loja do pai e recebeu uma dúzia de ovos e um pão para entregar, já se sentia um pouco melhor. Pedalar

era como um remédio para a raiva. Ela colocou os sacos de papel marrom cuidadosamente dentro da cestinha e pegou sua bicicleta.

— Maggie? — sua mãe chamou da janela da cozinha, no andar de cima. — Será que você pode dar uma paradinha na casa da Sra. Martin? Diga a ela que o vestido de aniversário de Jo está pronto, e ela pode passar para pegá-lo a qualquer hora.

Maggie resmungou, mas respondeu que passaria, sim.

Depois de terminar as entregas, Maggie parou em frente à casa da última freguesa, temendo o que tinha que fazer a seguir. Quanto mais pensava em Jo, mais raiva tinha. Finalmente, pulou na sua bicicleta, determinada a não deixar que aquela Jo horrorosa estragasse o seu dia. Além disso, se pedalasse rápido, ela chegaria, daria o recado e iria embora antes mesmo de Jo chegar do protesto.

E foi exatamente o que aconteceu: Jo não estava lá.

— Ela voltou, sim, do protesto — disse a Sra. Martin, quando Maggie bateu à porta. — Mas Jennifer Saunders veio aqui e convidou-a para um piquenique.

Jennifer Saunders? Jo também achava que Jennifer era esnobe. Bom, pelo menos foi o que Jo dissera no dia anterior.

— Josephine tem sentido muito a sua falta — disse a Sra. Martin, olhando sobre o ombro a bagunça na cozinha. — Ela me ajuda com os pequenos, mas precisa de um tempo para ela, com alguém da idade dela. Ela está tão tristonha agora que você está sempre ocupada e não tem tempo para brincar com ela!

Maggie cutucava o dedo, sentindo que a Sra. Martin queria que ela pedisse desculpas. Mas desculpar-se de quê? Era Jo que estava agindo como uma pirralha mimada, e tudo porque Maggie estava trabalhando para ganhar dinheiro para comprar o presente de aniversário dela.

Alguém lá dentro da casa caiu no maior choro.

— Oh-oh! Desculpe-me, Maggie — disse a Sra. Martin. — Eu preciso ir. Eu direi a Josephine que você passou por aqui.

— O vestido — disse Maggie, lembrando-se de repente de por que tinha ido até lá. — Minha mãe falou que você pode passar para pegá-lo à noite.

— Ah, que ótimo! Obrigada, Maggie!

Maggie saiu pedalando devagar. “Jo está com saudade de mim”, pensava. “Ela está se sentindo sozinha.” Essa explicação para o jeito estranho de Jo, e seu interesse repentino por piqueniques com Jennifer, nunca tinham passado pela sua cabeça!



— Por que essa cara tão fechada, Maggie? — perguntou sua mãe.

Ela estava cozinhando uma panela grande de sopa de legumes, porém já tinha avisado Maggie de que a salada de batata estava na geladeira. Maggie estava tão feliz porque não teria que comer sanduíches de novo, que já tinha posto a mesa sem esperar a mãe mandar. Seu rosto, porém, denunciava preocupação com Jo. Maggie nunca quis que sua amiga ficasse triste ou brava, mas como ela poderia explicar o que estava fazendo? E se Jo não acreditasse nela? E se Jo fosse mesmo uma garotinha mimada? Ainda assim, Maggie queria lhe dar o presente de aniversário. Nesse momento, ela não tinha nada para dar.

Quando sua mãe perguntou o que estava errado, Maggie não sabia por onde começar.

— O papai não vai ficar contente em saber que os protestos ainda não acabaram — disse Maggie, finalmente.

Enquanto falava, lembrou-se de que não tinha dito nada aos pais sobre a grande marcha de sábado, que era dali a dois dias! No entanto, aquilo pareceu ser a última de suas preocupações naquele momento.

— Ele vai ficar bem — disse a mãe de Maggie. — Você não deve se sentir assim apenas por exigir seus direitos, Maggie. É sua responsabilidade como cidadã de uma democracia dizer o que pensa.

Maggie suspirou e pensou alto sobre por que seu pai não compartilhava as mesmas ideias.

— Talvez seja melhor você perguntar para ele — disse sua mãe, olhando o relógio sobre a pia. — Ele ainda está na loja, mas logo estará fechando. O jantar ainda vai demorar uns 45 minutos.

Maggie balançou os ombros. Talvez ela fosse mesmo falar com o pai. Havia algo que Jo havia dito que ficava martelando na sua cabeça e não a deixava pensar em mais nada.



Maggie deixou o apartamento e desceu as escadas na ponta dos pés. Ela queria espiar pela janela dos fundos da loja antes de entrar, para ver se seu pai estava de bom humor.

Pelos fundos, Maggie podia ver o interior da loja e até a rua do outro lado, pelas janelas da frente. Os manifestantes ainda marchavam para lá e para cá, erguendo seus cartazes. O pai de Maggie estava atendendo um cliente: o velho Sr. Roberts, com o cabelo espetado e o rosto de pele áspera.

— As crianças hoje não respeitam mais nada! Meu pai ia me tirar o couro se eu fizesse isso!

— Não sei, Sr. Roberts. Com a guerra e tudo mais, essas crianças não comem os doces que querem desde que se conhecem por gente. Eu entendo a revolta delas.

O Sr. Roberts ainda resmungou alguma coisa e saiu da loja. O pai de Maggie o seguiu até a porta, trancando-a logo depois que ele saiu. Eram dezoito horas, hora de fechar. Os manifestantes também estavam indo embora. O pai de Maggie acenou pelo vidro, e as crianças acenaram de volta, sorrindo.

Foi aí que ele se virou e viu Maggie. Imediatamente, percebeu que ela ouvira toda a conversa.

— Isso mesmo! Eu entendo vocês — disse ele. — Mas lembre-se de que não vendi nenhuma barra de chocolate desde que essa confusão começou.

— Não é confusão, papai — respondeu Maggie, com uma coragem surpreendente até para ela mesma. — É importante dizer o que pensamos. Como aconteceu no dia em que o piquenique da escola foi cancelado e a Sra. Sampson nos disse que tínhamos poder suficiente para arranjar outro.

Seu pai olhava para ela como se, de repente, ela tivesse ficado um palmo maior.

— E eu aqui achando que você estava simplesmente seguindo os outros, sem pensar.

— Em parte, também — admitiu ela, pensando muito bem sobre o que ia dizer a seguir. — Amanhã é aniversário da Jo — disse, finalmente. O segredo do presente de aniversário já tinha causado muita confusão e tinha chegado a hora de dizer tudo. — Eu queria comprar uma barra de chocolate para ela, mas daí eu quebrei os ovos, o preço do chocolate subiu, e agora ela está brava comigo, porque estou sempre ocupada demais para brincar.

O pai de Maggie parecia tão sentido quanto da primeira vez em que viu os manifestantes na frente da loja. Maggie respirou fundo e lembrou que deveria parecer convincente, e não chorona.

— O que eu quero dizer é que é importante para mim o preço do chocolate. Eu me sinto mal em protestar, porque você sempre fica bravo com tudo isso, porém não é culpa nossa que os preços estão subindo.

— Oh, Maggie — suspirou seu pai, inclinando-se sobre o balcão e colocando a mão no ombro da filha. — Eu sei que não é culpa das crianças, mas também não é minha.

Maggie concordou. Agora, tinha que falar com ele a respeito



## Maggie e a Guerra do Chocolate

do que Josephine tinha dito. Seu coração batia tão alto, que ela teve certeza de que seu pai o ouvia, mas falou mesmo assim.

— Por quanto você está vendendo as barras de chocolate?  
— perguntou, apontando a prateleira do chocolate.

Ele franziu a testa.

— Olhe, eu posso dar uma barra para você, se estiver com tanta vontade.

Maggie balançou a cabeça.

— Essas barras não são de antes de o preço aumentar? Se você não comprou as barras pelo preço novo, por que está vendendo mais caro?

— Não é tão simples, Maggie — suspirou. — Claro que eu até poderia vender essas barras a cinco centavos, mas, quando as barras de oito centavos chegarem, não vou conseguir manter o preço baixo e ainda assim ter lucro.

— Eu sei — respondeu Maggie. — Mas se você tem essas aí com o preço antigo, não pode vendê-las pelo preço antigo?

— Mas e o boicote?

— Estamos boicotando as barras de oito centavos, não as de cinco. Qualquer um compraria uma barra de cinco centavos, e a mamãe sempre diz que você deve apoiar seus fregueses.

— Não vai durar muito tempo, Maggie.

— Mas, enquanto isso, você faria muitas crianças felizes!  
— E pensou: “Inclusive eu!”. Se ele baixasse o preço, ela compraria o chocolate de Jo imediatamente, antes que todos desaparecessem. — Eu farei um cartaz para colocar na vitrine! Vou escrever assim: “A Merceria Jenkins apoia o boicote!”. Não! Vou escrever assim: “Crianças adoram chocolate e têm juízo, cinco centavos e um sorriso!”. Vai aparecer um milhão de fregueses! Amanhã, todo mundo vai falar da sua loja!

Pela primeira vez em muito tempo, seu pai caiu na risada.

— Se um dia você se cansar de fazer entregas, menina, pode ganhar uma fortuna trabalhando com propaganda!

## 5¢ Chocolate Bars just aren't possible NOW!

(Until recently they were 5c plus 1c  
excise tax paid to the Federal Govt.)

We at Willards know you aren't happy about this candy bar situation. Neither are we. But frankly we can't help ourselves. The 1c excise tax and the 8% sales tax must still be paid to the Federal Government. Furthermore, here are other difficulties which we, like most candy manufacturers, are up against.

### CHOCOLATE BARS REQUIRE COCOA BEANS

On April 2nd these cost us 10c a lb. On April 2nd we had to pay 23½c a lb. because the Federal Government stopped the subsidy on Cocoa Beans. The Government also charged the 13½c increase on stocks in our warehouse.

### CHOCOLATE BARS REQUIRE SUGAR

And the Federal Government which controls all sugar supplies has raised the price from 7c to 8c a pound. In 1939 we paid slightly less than 5c a lb. for sugar.

### CHOCOLATE BARS REQUIRE MILK PRODUCTS

Glucose, Nuts, Fruits, Packaging... and the prices on these have risen 60% and more since 1939.

### CHOCOLATE BARS REQUIRE LABOR

And wages are substantially higher than in 1939.

### Do Chocolate Bars Sell for 5¢ in the United States?

Prices in the United States range all the way from 6 to 10c (and there is no tax in the U.S.). Most bars are priced at from 6c to 7c. In many cases, these bars weigh only 1 ounce. Willards bars range from 1½ oz. to over 2 oz.

We would like you to know that the weight and quality of Willards Chocolate Bars ensure you the same or better value per pound you get in high quality packaged candies.

Frankly, sincerely, that's the situation!

*Willards*

CHOCOLATES LIMITED  
Toronto

A edição de 7 de maio de 1947 do *Toronto Daily Star* trazia este anúncio de um fabricante de chocolate, tentando explicar o aumento dos preços.

## MELHOR AMIGA?

O DIA SEGUINTE foi uma sexta-feira fantástica para Maggie. Ela comprou o chocolate da melhor amiga de todos os tempos para Jo antes de colocar o cartaz na vitrine da loja de seu pai: "A Merceria Jenkins apoia o boicote! Crianças adoram chocolate e têm juízo, cinco centavos e um sorriso! Chocolates a cinco centavos aqui!".

Ela correu até o quarto e tirou quase tudo das gavetas, tentando encontrar alguma coisa para embrulhar o presente. A pontinha de um pedaço de papel verde estava escapando por debaixo da cama, e ela quase ficou entalada lá embaixo tentando arrancá-lo. Quando conseguiu, viu que era a capa de um livro que achou que já tinha perdido. Aquilo não ia servir para embrulhar o presente de Jo! Ela correu pelo apartamento com o livro numa das mãos e a barra de chocolate na outra.

— Mamãe, preciso de alguma coisa para embrulhar o presente da Jo!

Sua mãe usou uma fita de cabelo para fazer um laço bem bonito ao redor da barra de chocolate. Maggie abraçou a mãe e disparou para a porta.

— Obrigada, mamãe! Você salvou a minha vida!

Ela pedalou como um raio até a escola, decidida a falar com Jo antes de as aulas começarem.

“Desculpe-me por não ter tido tanto tempo ultimamente”, ensaiava, falando alto durante o caminho. “Por favor, não pense que eu não quero a sua amizade!”

Quando chegou, viu Jo tomando conta dos irmãos no balanço do parquinho, viu Jennifer Saunders do outro lado do pátio, saltitando em direção a eles. Maggie disparou seu pedido de desculpas o mais rápido que pôde, antes que Jennifer chegasse perto.

— Desculpe-me! Eu não ligo para dinheiro. Eu queria comprar uma barra de chocolate para você e ser a melhor amiga de todos os tempos, mas eu não podia, até ontem, por causa do boicote, e você estava certa sobre os chocolates que o meu pai tinha. Ele está vendendo pelo preço antigo, por isso ele está cobrando só cinco centavos, e eu consegui comprar um. Aqui está! Feliz aniversário!

Ela atirou a barra de chocolate na direção da amiga, e Jo caiu na maior gargalhada, exatamente no momento em que Jennifer chegou.

— O que é tão engraçado? — perguntou Jennifer.

Maggie ficou feliz por ela ter perguntado, porque não tinha certeza de se Jo estava rindo de alegria ou dela.

— Maggie estava tentando ser a melhor amiga de todos os tempos no meu aniversário, e eu pensei que ela não gostava mais de mim!

— Que confusão! — exclamou Maggie, sem saber se ria ou se chorava.

— Confusão maior só espatifar meia dúzia de ovos no meio da rua! Plaft! — Jo deu um gritinho e abraçou Maggie e Jennifer ao mesmo tempo.

Maggie não queria dividir o abraço de Jo com Jennifer, mas estava tão aliviada com a risada da amiga, que fingiu não se importar.

— Seu aniversário é hoje? — perguntou Jennifer. — Você não me disse nada! Por que não vamos todo mundo para a

minha casa, depois da aula, comer bolo com sorvete? Maggie, você quase nunca vai à minha casa!

Maggie percebeu que Jennifer não era tão esnobe assim, no fim das contas.

— Podemos tomar sorvete de baunilha e chocolate, e minha mãe pode até nos dar alguns pêssegos em calda que ela fez no verão passado — planejava Jennifer. — Minha mãe faz os melhores pêssegos em calda do mundo!

Enquanto Jennifer fazia os planos, Jo fechou os olhos e apenas sentiu o perfume delicioso de chocolate de sua barra de cinco centavos.

— Maggie — disse Jo ao abrir os olhos —, eu não quis ofender quando falei que você era tão gananciosa quanto o seu pai.

— Você não falou gananciosa — disse Maggie, sacudindo os ombros.

— Não falei? Bem, eu pensei — admitiu Jo, encabulada. — Mas eu não penso isso agora! — acrescentou, e as três entraram na escola.

# A GRANDE MARCHA DO CHOCOLATE

O SÁBADO também foi um dia fantástico. O clima estava perfeito, e a marcha foi enorme! Crianças vieram de quinze escolas, gritando seus slogans e erguendo seus cartazes; alguns eram tão grandes que eram necessárias duas crianças para carregá-los. Um caminhão com um megafone anunciava: "As crianças começaram, agora terminem!". E, ao lado dos manifestantes, policiais sobre motos barulhentas continham a multidão.

A melhor parte, porém, foram os bichos! Irene Overton vinha montada num lindo pônei, carregando um cartaz que dizia: "O preço tem que ser tão pequeno quanto nós!". Um garotinho da idade de Will vinha montado num burro, carregando um cartaz onde se lia: "Seja teimoso como uma mula e não compre chocolate a oito centavos!". E algumas crianças levaram seus cachorros, que também portavam cartazes.

A única má notícia foi que o preço do chocolate não tinha mudado nada. Mesmo assim, para Jo e Maggie, essa era uma marcha de vitória. As ruas estavam cheias de adultos que apoiavam a causa, e muitos lojistas estavam vendendo chocolate a cinco centavos novamente. As crianças podiam fazer, sim, a diferença.

Quando a multidão veio marchando pelas ruas, gritando e protestando, o tráfego parou em todos os cruzamentos para deixá-la passar. As pessoas paravam para olhar e aplaudiam. Até

## Maggie e a Guerra do Chocolate

mesmo os trabalhadores dentro dos prédios abriam as janelas e debruçavam-se para aplaudir.

— Eu nunca vi tantas crianças juntas! — exclamou Jo, quando começaram a descer a rua. — Acho que tem três vezes mais crianças do que naquele dia no Legislativo!

— Ei, Jo! — chamou o pequeno Will. — Você viu a mula? Podemos ter uma?

Will estava lutando para conseguir erguer seu cartaz, que era quase tão grande quanto ele. Allen, seu irmão mais velho, tinha ajudado o irmãozinho a carregá-lo durante metade do trajeto.

— E o pônei da Irene é uma gracinha! — exclamou Maggie.

— Esse é o melhor protesto de todos os tempos! — gritou Jo, enlaçando o braço de Maggie.

No final da marcha, as mães esperavam no Parque Thunderbird com biscoitos e limonada. Quando chegaram em casa, o pai de Maggie anunciou que os pequenos fregueses tinham retornado, assim como Maggie previra.

— E eu já tenho um plano para quando acabarem as barras de cinco centavos! Vou colocar uma latinha ao lado do caixa e vou chamá-la de “Fundo de Apoio para o Chocolate de cinco centavos”. Meus fregueses podem fazer uma doação para ajudar uma criança a comprar uma barra de chocolate. Eu vou poder continuar vendendo chocolate a cinco centavos, e nenhum de nós vai ter que comer mingau de aveia para sempre!

— Graças a Deus por isso! — exclamou Thomas. Ele virou-se para Maggie, que estava recolhendo algumas sacolas para entregar, e disse: — Fiquei feliz por você ter conseguido dar um jeito no boicote, garota. Você não é tão burra quanto parece.

Vindo de Thomas, aquilo era quase um elogio. Maggie foi fazer suas entregas com um grande sorriso no rosto.



No dia seguinte, Thomas entrou correndo no apartamento, bem cedo, sacudindo um jornal.

— Olhem! Saímos no jornal de novo!

SUNDAY, MAY 4, 1947

## *Victoria Children, 700 Strong, March In Protest Over Chocolate Bar Prices*

Nearly 700 strong, Victoria youth yesterday made it clear to all they were not giving up their fight for the return of a five-cent chocolate bar.

Massing at Central Park, the large assembly paraded in an orderly fashion through the downtown area late in the morning. Many hundreds carried big placards and banners — each strongly condemning the eight-cent bar, and calling for the “good ol’ nickel” model.

Boys and girls participated. The procession, arranged and organized by the Youth Action Committee, coursed from the park along Quadra Street, to Pandora, along Pandora to Douglas, along Douglas to Thunderbird Park. Disbanding at the latter park, small groups continued the campaign throughout the city. They visited buildings and offices. More than one citizen was approached with such slogans as “Roses are red, violets are blue, we’re on strike, why aren’t you?”

Transfusions

By Red Cross

Thieves Enter

O jornal *Daily Colonist*, de domingo, 4 de maio de 1947, página 3.



# NOTAS HISTÓRICAS

**O PROTESTO NACIONAL DAS CRIANÇAS** pelo preço do chocolate realmente aconteceu. Começou em Ladysmith, British Columbia, em 25 de abril de 1947, e se espalhou pelo país. Crianças em New Brunswick juntaram suas rações de açúcar para fazer uma grande porção de doce de leite, a fim de que ninguém comesse o chocolate de oito centavos. Em Victoria, as crianças entraram no Legislativo e, no dia 3 de maio, garotos e garotas de todo o país marcharam em protesto contra o aumento dos preços.

Os personagens deste livro são ficcionais e, por razões literárias, alterei a data da invasão do Legislativo do dia 29 de abril, terça-feira, para o dia 30 de abril, quarta-feira. Todos os outros detalhes históricos estão corretos.

A greve terminou abruptamente em 4 de maio de 1947, depois que o jornal *Toronto Telegram* publicou um artigo em que afirmava que as crianças estavam sendo exploradas para chamar a atenção para causas políticas. Muitos adultos ficaram assustados com essa possibilidade, e as escolas pararam de apoiar os protestos. As manifestações tiveram fim, mas as crianças alcançaram um feito incrível. Por todo o país, elas se fizeram ouvir. Os donos de lojas arranjaram modos para continuar a vender chocolate por cinco centavos, apesar do aumento dos preços.



Em Montreal, as crianças protestaram em francês e em inglês.



Jornal *Toronto Daily Star*, de 3 de maio de 1947:  
"Estudantes de Ottawa juraram que vão comer minhocas  
antes de comer uma barra de chocolate  
de oito centavos".